



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 28 – nº 108 – Setembro 2017

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

O compromisso das religiões junto aos migrantes

EDITORIAL	2
PORTUGUÊS	3
Scalabrinianas se reúnem em torno do tema das migrações atuais para rever atuação missionária ..	3
Haitianos celebram a fé em culto que acontece aos domingos na zona Norte	4
Batistas e jesuítas aliados contra o bloqueio a migrantes nos Estados Unidos	4
Migrações: "Leis para a acolhida e não apenas para a repressão"	5
Papa: acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados	6
Igreja no Brasil: ações em prol de imigrantes venezuelanos no país	7
Avança integração de muçulmanos à Alemanha, diz estudo.....	8
ENGLISH	8
This evangelical church in Berlin is helping Iranians looking for asylum	8
Latino Muslims get warm welcome at Spanish-speaking Houston mosque	10
Sanctuary for undocumented immigrants comes with legal consequences.....	12
How Houses of Worship Help Immigrants Adjust to America.....	13
Catholic bishop protects 2,000 Muslim refugees in CAR.....	15
Churches, places of reference, integration and socialization for the immigrant population	16
Immigrant hurricane victims turn to churches amid fear.....	17
ESPAÑOL	19
Entregan premio “Méndez Arceo” a la hermana Leticia Gutiérrez	19
Casa del migrante “San Carlos Borromeo” en Salamanca ofrece apoyo a más de 80 migrantes al mes ..	20
Trump no detendrá sueños de migrantes: Pastores por la Paz.....	20
Muro en frontera no será impedimento para los migrantes; padre Julián Verónica.....	20
Una misión sin fin: cómo la Iglesia atiende a los migrantes ante el olvido del gobierno mexicano ...	21
Necesario, mirar al migrante desde la cultura del encuentro: Arquidiócesis de Xalapa	24
La minoría musulmana de Myanmar huye en masa de la persecución.....	25
ITALIANO	26
Negli Stati Uniti si moltiplicano le “chiese santuario”.....	26
I gesuiti: la politica dei muri sulle migrazioni è un boomerang.....	27
Migranti, Papa: pregare per Rohingya, musulmani perseguitati.....	29
L’accoglienza della Chiesa.....	29
Ong. Don Zerai: «Il cerchio si chiude, è guerra ai migranti»	32
Corridoi umanitari. Nuovi arrivi il 29 e 30 agosto a Roma Fiumicino	33
Leader religiosi statunitensi in difesa dei «sognatori»	34

EDITORIAL

Numerosas religiões consideram a acolhida do migrante um elemento constitutivo dos próprios sistemas de crenças e uma prática privilegiada de experiência do sagrado. Aliás, não são poucas as lideranças religiosas que, historicamente, passaram por alguma forma de deslocamento, voluntário ou forçado. Basta pensar na migração de Abraão em busca da terra prometida ou no êxodo de Moisés; na fuga de Jesus de Nazaré e sua família para o Egito devido à perseguição de Herodes; no deslocamento forçado de Maomé e sua comunidade para Medina; ou, mais recentemente, no exílio do Dalai Lama.

Na atualidade, entre as principais lideranças religiosas, chama atenção a figura do Papa Francisco que, desde sua primeira viagem apostólica à ilha de Lampedusa, passando pelas viagens à Fronteira Norte do México e à ilha de Lesbos na Grécia, tem tomado posições firmes, proféticas e, inclusive, impopulares em relação à questão migratória. Para o bispo de Roma, assumir a causa de migrantes/refugiados não é apenas uma “boa ação” ou um ato de generosidade. A acolhida dos migrantes diz respeito à integridade da identidade cristã, que não pode ser conciliada com a subordinação da vida e da dignidade de seres humanos à lógica do lucro, do consumo ou da acumulação indiscriminada de bens. Acolher quem não foi convidado representa um antídoto contra a idolatria do dinheiro que caracteriza o sistema econômico hegemônico.

Em sua abordagem sócio-pastoral, Francisco tem buscado desencadear processos de envolvimento das comunidades: “*Cada paróquia, cada comunidade religiosa, cada mosteiro, cada santuário na Europa hospede uma família [de refugiados], começando pela minha diocese de Roma*”. O papa tem plena consciência de que compromisso em favor de migrantes/refugiados só será eficaz se for pautado no cotidiano de todos os segmentos sociais que compõem a igreja. Embora a exortação do bispo de Roma não tenha surtido todos os efeitos esperados, não há dúvida de que em numerosas partes do mundo várias famílias, comunidades, paróquias, associações, ordens e congregações religiosas se mobilizaram, de diferentes maneiras, em prol dos direitos de migrantes e refugiados.

Mas seria um grave erro identificar esse compromisso com o universo católico. São numerosas as denominações cristãs que tomaram posição em defesa de migrantes e refugiados. Vale lembrar, por exemplo, os assim chamados “corredores humanitários” abertos na Itália pela Federação das Igrejas Evangélicas e a organização Tavola Valdese (órgão que representa oficialmente as igrejas metodistas e valdeses), em colaboração com a comunidade de Santo Egidio: tais corredores, até meados de 2017, permitiram a chegada segura de mais de 900 solicitantes de refúgio na Itália. Uma iniciativa análoga ocorreu também na França, com a participação da Federação Protestante da França e da Federação de Ajuda Protestante. Já nos EUA cabe destacar a firme tomada de posição da Aliança Batista Mundial (BWA) contra o *Muslim ban* de Trump.

Dentre os vários aspectos que caracterizam o compromisso das numerosas denominações cristãs cabe destacar o serviço emergencial e sócio-transformador junto a migrantes e refugiados, principalmente na ótica da integração; a denúncia profética das violações de direitos humanos e de suas causas estruturais; a conscientização das sociedades de recepção no que toca à acolhida dos estrangeiros; a criação de espaços de interação e interlocução que permitam dinâmicas de recíproco enriquecimento.

Além disso, merece um destaque o compromisso na ótica do diálogo inter-religioso: a denúncia do *Muslim ban*, a tomada de posição em prol dos direitos dos rohingya, a inclusão de refugiados muçulmanos nos corredores humanitários, entre outros, atestam que o engajamento dessas igrejas transcende as fronteiras confessionais.

Aqui entra em jogo a credibilidade da ação social dessas igrejas: as religiões estão a serviço da dignidade de todos os seres humanos ou apenas dos próprios adeptos? Em seu engajamento social, os grupos religiosos visam a libertação e o bem-estar dos interlocutores ou sua doutrinação? O compromisso sócio-transformador, enquanto defesa e promoção dos direitos humanos, é instrumental ou constitutivo? De que forma as religiões se distanciam da espúria utilização da “gramática religiosa” para legitimar a violação de direitos humanos? Trata-se de perguntas extremamente desafiadoras, tanto em contextos caracterizados por uma crescente secularização quanto naqueles onde se registra o assim chamado “retorno do sagrado”. Sem renunciar à própria identidade, mas, ao mesmo tempo, reconfigurando constantemente os percursos de fidelidade ao

próprio carisma, as várias denominações religiosas são chamadas a estabelecer espaços de interlocução, serviço e recíproca aprendizagem junto aos migrantes e às populações autóctones, com vistas à construção de uma cultura do encontro e do mútuo reconhecimento.

PORTUGUÊS

Scalabrinianas se reúnem em torno do tema das migrações atuais para rever atuação missionária

Rosinha Martins

Migrações Internacionais e refúgio: desafios recentes; Integração dos migrantes na comunidade de acolhida; Incidência e trabalho em rede em defesa dos Direitos Humanos; O migrante como lugar teológico da missão scalabriniana, serão temas de reflexão para as Irmãs Scalabrinianas que se reúnem nos próximos dias 29 de agosto a 03 de setembro em Jundiaí, São Paulo.

O objetivo do encontro que reúne cerca de 40 Irmãs vindas de todas as regiões do Brasil é analisar e avaliar suas ações apostólicas em vista de respostas mais eficientes e eficazes em tempos de migração mundial em massa.

De acordo com a animadora do trabalho missionário junto aos migrantes, pela Província de São Paulo e uma das responsáveis pelo evento, Irmã Janete Ferreira, “a Congregação das Missionárias de São Carlos, inspiradas pelo fundador, João Batista Scalabrini, tem como tarefa principal, defender a causa dos imigrantes e refugiados, preferencialmente os mais pobres e em situação de vulnerabilidade”. Esse trabalho, explica, “se concretiza através da pastoral dos migrantes, em diferentes formas, num empenho comum de evangelização profética”.

Membro do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM) e diretor da Revista de Mobilidade Humana (REMHU), o professor Roberto Marinucci, destaca que a Congregação das Missionárias Scalabrinianas se sente profundamente desafiada diante da dramática situação de milhões de seres humanos que fogem de conflitos bélicos, violações generalizadas de direitos humanos e condições degradantes de vida. “Neste contexto é fundamental ter plena consciência das causas planetárias e locais, coletivas e individuais, que estão na origem desses acontecimentos, a fim de desencadear respostas sócio-pastorais eficazes e coerentes, com vistas à construção de um mundo

mais justo e humano, onde ninguém é estrangeiro”.

Migrações atuais no Brasil

O Brasil, desde a sua ‘descoberta’, teve um rosto diversificado. Naquele período, pelas feições europeias, africanas, japonesas que deram um colorido à nação, por um lado de forma positiva, favorecendo o desenvolvimento do país e a sobrevivência destes povos. Por outro, ainda é perceptível nos dias de hoje, as marcas e as consequências negativas da imigração forçada que ainda tornam o Brasil, um país em vias de desenvolvimento.

Nos últimos anos, o Brasil tem sido o porto seguro de milhares de haitianos que deixaram seu lugar de origem, principalmente por causa do terremoto de 2010 que assolou o país e não saiu da crise até os dias de hoje. Outros milhares chegam da Síria, por causa das guerras, de países da África e Ásia por conflitos políticos e civis. Gana, Guiné Bissau, Senegal, Mali, Palestina e tantos outros buscam aqui, terra firme e segura.

Mas nem tudo é mar de rosas, pois nas misturas das cores e das línguas, aparecem os conflitos marcados pelo pré-conceito, a xenofobia, as condições de vida precária, o desemprego, o Tráfico de Pessoas. E é neste cenário que as missionárias e missionários Scalabrinianos são desafiados a fazer a diferença por meio da defesa dos direitos destes imigrantes como filhos e irmãos na mesma casa comum.

Scalabriniana recebe prêmio “Donna Mulheres que inspiram”

Em Caxias do Sul, cidade do Rio Grande, que tem recebido centenas de imigrantes africanos, a gaúcha e missionária scalabriniana, Irmã Maria do Carmo, recebeu o prêmio ‘Donna, mulheres que inspiram’, pelo trabalho pioneiro que realiza ao

lado dos imigrantes. No início do seu trabalho no Centro de Atendimento, Irmã Maria começou atendendo pessoas da região, portanto, gaúchos que vinham de cidades vizinhas em busca de melhores condições de vida em Caxias. Ela se tornou o porto seguro, o lugar de acolhida para os estrangeiros no sul. “O que mais me impressiona é que nunca vi ela pedir nada em troca. Imagina!

Uma brasileira que nem é da nossa religião. Quem vai me dizer que Deus não vai pagar a irmã Maria?, afirmou à Donna, o mulçumano Billy.

Fonte: <http://www.csem.org.br/csem-em-foco/5025-scalabrinianas-se-reunem-em-torno-do-tema-das-migracoes-atuais-para-rever-atuacao-missionaria> - 26.08.2016

Haitianos celebram a fé em culto que acontece aos domingos na zona Norte

Grupo de imigrantes se reúnem em uma pequena garagem, para celebrar, com a língua do seu lar, suas crenças religiosas

Leandro Junges

Eles sofrem por estar longe de casa e de suas famílias, não conhecem direito a cidade, não conseguem se comunicar direito porque não falam português fluentemente e enfrentam enormes barreiras para conseguir trabalho. Mas cantam com força e alegria todas as manhãs de domingo, como se nenhum problema os incomodasse.

Há três finais de semana, um grupo de haitianos que mora na zona Norte de Joinville tem chamado a atenção de quem passa pela rua Guaíra, que liga os bairros Aventureiro e Iriirú. Com Bíblias e livros de canto, eles vão chegando a pé, de bicicleta e cheios de alegria para participar de celebração ministrada em crioulo e francês, as línguas oficiais do Haiti.

— Estamos aqui para adorar a Deus. Ele vai nos ajudar — diz cheio de esperança o diácono Wilthonn Cardichon, de 39 anos, um carpinteiro profissional que veio para Joinville há três anos, dois depois que um terremoto devastou completamente seu país, em 2010.

O grupo se reúne em uma garagem e uma sala do primeiro andar de um sobrado do lado esquerdo da rua. As cadeiras são de metal, pintadas de branco, iguais as usadas em bares. A decoração, simples, é feita com balões e fitas em azul e branco, cuidadosamente costuradas pelas mulheres do grupo.

O volume do sistema de som emprestado e do teclado é alto. Mas as orações e os cânticos chamam ainda mais a atenção. As músicas podem durar dez, 15 minutos e são

acompanhadas por palmas, danças e um agitar de braços. As mulheres fazem os tons mais agudos. Quase inalcançáveis. Os homens, os graves. Todos afinadíssimos.

Entre a pregação da palavra de Deus e os louvores, sempre lida e cantados em francês e crioulo, homens e mulheres dão seus testemunhos, falam de como Deus mudou suas vidas.

Os únicos brasileiros no culto da manhã deste domingo eram o repórter e o fotógrafo de “A Notícia”. Mesmo sem entender as palavras ditas e cantadas, é possível perceber a paixão e o entusiasmo com que cada um se dirige ao microfone.

Esta não é a primeira celebração religiosa feita para os haitianos em Joinville. Mas a primeira em que eles próprios são os protagonistas. As igrejas evangélicas e católica de Joinville já têm pastorais e grupos de assistência diretamente ligados aos haitianos.

Eles começaram a chegar em Joinville aos poucos, ainda 2011. É preciso pelo menos R\$ 6 mil para as passagens de avião e ônibus entre Porto Príncipe e Joinville. Hoje estima-se que haja mais de 1,1 mil imigrantes refugiados do Haiti em Joinville, especialmente nos bairros Comasa, Espinheiros, Itaum, Profipo e Saguachu. A maior dificuldade é o trabalho.

Fonte: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2016/08/haitianos-celebram-a-fe-em-culto-que-acontece-aos-domingos-na-zona-norte-7344708.html> - 28.08.2016

Batistas e jesuítas aliados contra o bloqueio a migrantes nos Estados Unidos

“As ações governamentais já estão tendo um impacto negativo sobre a vida das famílias. Elas estão influenciando negativamente aqueles que trabalham diretamente com os refugiados e estão criando

dificuldades inesperadas para instituições batistas nos Estados Unidos, tais como as universidades e os seminários onde são muitos os estudantes matriculados provenientes dos sete países citados.” Isso é o que se lê em uma declaração divulgada pela Aliança Batista Mundial (BWA, na sigla em inglês) – comunhão de 235 convenções e uniões batistas presentes em 122 países – que julga negativamente os primeiros efeitos da ordem executiva do presidente Donald Trump que ditou o bloqueio da imigração de sete países de maioria islâmica. Um posicionamento que se soma ao coro de protestos que, nos últimos dias, se levantou contra o controverso procedimento da Casa Branca.

A reportagem é do jornal L’Osservatore Romano, 08-02-2017. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Embora reconhecendo que um governo tem o direito de garantir a segurança dos seus cidadãos, a Aliança Batista Mundial assinala que, hoje, há “a tentação de ceder ao medo e de buscar às pressas políticas erradas que terão efeitos nocivos a longo prazo e que minam a liberdade religiosa”.

Ainda em julho do ano passado, lembra a declaração, o Conselho Geral da BWA, reunido em Vancouver, no Canadá, tinha convidado as convenções, as uniões e os fiéis individuais a colocarem em prática o ensinamento bíblico de acolhida aos estrangeiros e, em particular, aos refugiados, pessoas vulneráveis muitas vezes perseguidas por causa da sua fé.

Uma forte preocupação com os efeitos da ordem executiva sobre a imigração, considerada “uma afronta à nossa missão e um ataque aos valores estadunidenses e cristãos”, também foi expressada pela Conferência dos Jesuítas do Canadá e dos Estados Unidos, que asseguraram que também querem continuar no “nosso trabalho, em defesa e em solidariedade para com todos os filhos de Deus, muçulmanos ou cristãos”.

Os jesuítas, lembra uma declaração, “através do nosso trabalho nas escolas superiores, nas universidades, nas paróquias e nos ministérios característicos como o serviço aos refugiados”, têm uma “longa tradição de acolhida e de acompanhamento dos refugiados, independentemente do culto que professam”.

E, hoje mais do que nunca, conclui a declaração, “a nossa identidade católica e jesuíta nos chama a acolher o estrangeiro e a nos aproximarmos de diversas culturas e tradições religiosas com abertura e compreensão. Não devemos nos deixar levar pelo medo. Devemos continuar defendendo os direitos humanos e a liberdade religiosa”.

Palavras em grande sintonia também com aquelas contidas em uma nota conjunta emitida pelo Serviço Jesuíta aos Refugiados e pela comunidade islâmica italiana Coreis, nas quais se ressalta que a ordem executiva do presidente estadunidense “é discriminatória e põe em risco as relações entre cristãos e muçulmanos”.

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/564697-batistas-e-jesuistas-aliados-contra-o-bloqueio-a-migrantes-nos-estados-unidos> - 09.02.2017

Migrações: "Leis para a acolhida e não apenas para a repressão"

O Papa Francisco recebeu na manhã desta terça-feira (21/02) os participantes do Fórum 'Paz e Migrações', evento organizado pelo Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral, o Scalabrini International Migration Network (SIMN) e a Fundação Konrad Adenauer.

O scalabriniano Alexandre Biolchi é vigário regional da Congregação, representando 7 países: Brasil, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Peru, num total de 160 padres e 30 estudantes. Ele é também o coordenador das Rede Scalabriniana de Comunicação e participa do Fórum Migrações e Paz. Ele participa do Fórum e estava presente na audiência com o Pontífice, no Vaticano.

"O tema da migração não é um tema exclusivamente da segurança nacional, como muitos países hoje o veem tratando, mas sim um tema que será abordado desde as políticas públicas. Como religiosos, como Congregações, como Igreja, nós sempre defendemos o direito à migração, o direito a migrar".

"A Declaração Universal dos Direitos Humanos fala disso, que todas as pessoas têm direito a se locomover, mas não fala que têm o direito da acolhida. E é isso, justamente, que os Fóruns, os eventos que a Rede SIMN e a Congregação Scalabriniana tentam abordar: não só o direito de ir, mas também o direito de ser acolhido, de ser integrado e poder viver com dignidade como Filhos e Filhas de Deus que somos todos os seres humanos".

"O Brasil sempre teve uma história muito ligada à migração, primeiro como receptor, e agora, nestes últimos anos, de fato, voltando a receber muitos migrantes. Podemos dizer que nos últimos dois anos, a migração africana e a haitiana, que é muito forte nos últimos 5/6 anos, passam pelo Brasil para ir a novas rotas, outros lugares... a migração haitiana está indo para o Chile".

"O grande desafio que temos como Igreja e como Congregação Scalabriniana é poder ajudar a sociedade civil a entender que os migrantes não são aqueles que vêm tirar o trabalho dos brasileiros, mas vêm com o seu jeito e com sua força de trabalho contribuir e com isso, ganhar o sustento para sua família. O desafio é ajudar os políticos do nosso país para que possam elaborar

leis que vão ao encontro das necessidades dos migrantes. Não só leis de repressão, mas leis de acolhida, para que se viva e se veja a questão migratória como uma questão de política pública. Neste sentido, o Brasil tem dado alguns passos: a aprovação da nova lei de migração; e todo o trabalho de base, que é sempre um desafio: a acolhida, o acompanhamento jurídico-legal... Nós temos algumas casas de acolhida aos migrantes... Sentimo-nos pequenos diante das necessidades".

Fonte:

http://br.radiovaticana.va/news/2017/02/21/migra%C3%A7%C3%B5es_leis_para_a_acolhida_e_n%C3%A3o_s%C3%B3_para_a_repress%C3%A3o/1293865 - 21.02.2017

Papa: acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados

Foi divulgada esta segunda-feira (21/08) a Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado a ser celebrado em 14 de janeiro de 2018, que tem como tema «Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os refugiados».

O Pontífice define “um sinal dos tempos” a triste situação de tantos migrantes que fogem da guerra e da pobreza e recorda que a Igreja tem a grande responsabilidade de compartilhar com todos a preocupação com os migrantes.

A Mensagem se articula em 4 pontos: verbos baseados nos princípios da Doutrina da Igreja.

O primeiro é “acolher”. O Papa enfatiza que é urgente oferecer aos migrantes e aos refugiados mais oportunidades de entrada segura e legal nos países de destino. Francisco pede para simplificar a concessão de vistos humanitários e incentivar a reunificação familiar.

Realça ainda a necessidade de abrir corredores humanitários para os refugiados mais vulneráveis. E critica a expulsão coletiva de migrantes e refugiados, especialmente quando realizada em direção de países que não garantem o respeito pelos direitos fundamentais. O Pontífice reitera que o princípio da centralidade da pessoa humana requer “que se anteponha a segurança pessoal à segurança nacional”. E isto, afirma a Mensagem, acarreta a necessidade de um maior esforço para preferir soluções alternativas à detenção dos migrantes.

Em seguida, Francisco volta sua atenção para o verbo “proteger”.

Essa proteção, diz ele, começa em casa e deve continuar na terra da imigração. Daí a necessidade de valorizar as habilidades e competências dos migrantes que devem ter, conseqüentemente, liberdade de movimento no país anfitrião e oportunidade de trabalhar. O Papa enfatiza a proteção de crianças migrantes, que têm o direito de estudar e viver com suas famílias, tuteladas de qualquer forma de detenção. E, referindo-se à situação de apátrida de alguns imigrantes, o Papa sugere que a questão pode ser superada com “uma lei de cidadania” conforme ao direito internacional.

Em relação ao verbo “promover”, a Mensagem afirma que significa que todos os migrantes devem ser colocados em condição de se realizar como pessoas.

Francisco incentiva a integração sócio profissional dos migrantes. E elogia os esforços de muitos países em termos de cooperação internacional, relevando que “na distribuição das ajudas, sejam consideradas as necessidades dos países em desenvolvimento que recebem grandes fluxos de refugiados e migrantes”.

O último verbo, escreve Francesco, é “integrar”.

O Papa observa inicialmente que a integração não é uma assimilação, que induz o migrante a suprimir ou esquecer a sua identidade cultural. É um processo prolongado que, exortou, “pode ser acelerado através da concessão da cidadania independentemente de requisitos econômicos ou linguísticos”. Mais uma vez, o Papa pede que se favoreça a cultura do encontro e assegura que a Igreja está disponível a se comprometer “em primeira pessoa” neste campo. Para alcançar os

resultados esperados, ele adverte, no entanto, que a contribuição da comunidade política e da sociedade civil é indispensável.

Na conclusão, Francisco faz apelo aos líderes políticos para que aprovelem os acordos globais (Global compacts) aprovados recentemente na Onu dedicados aos refugiados e aos migrantes. E

destaca que os próximos meses são uma oportunidade privilegiada para apoiar com ações concretas os quatro pontos delineados na Mensagem: “acolher, proteger, promover e integrar”.

Fonte: <http://csem.org.br/noticia/6425-papa-acolher-protger-promover-e-integrar-migrantes-e-refugiados> – 21.08.2017

Igreja no Brasil: ações em prol de imigrantes venezuelanos no país

O número de venezuelanos que solicitaram refúgio no Brasil cresceu vertiginosamente nos últimos meses. Os dados são do Ministério da Justiça e revelam que até março de 2017 cerca de 8.231 venezuelanos pediram refúgio no país, o número já supera os seis anos anteriores.

O refúgio é uma proteção legal para estrangeiros que sofrem perseguição em seu país de origem por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. No caso dos venezuelanos, o número aumentou devido os últimos acontecimentos envolvendo o país, como a crise econômica e política vivenciadas no atual governo.

Povo indígena Warao

De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) cerca de 30 mil imigrantes estão em território brasileiro e 2 mil destes são do povo indígena venezuelano Warao, um dos mais antigos do Delta do Oniroco, no nordeste da Venezuela. Eles buscam refúgio no Brasil especialmente em Manaus (AM), Boa Vista (RR) e Pacaraima (RR) por serem consideradas cidades fronteiriças com a Venezuela.

Acompanhando de perto as iniciativas de atenção aos imigrantes venezuelanos, o Instituto Migrações e Direitos Humanos, entidade social e sem fins lucrativos, vinculado à Congregação das Irmãs Scalabrinianas constatou que em Manaus (AM) há um abrigo promovido pelo Estado, onde até o dia 7 de junho, cerca de 300 pessoas estavam abrigadas. No centro da cidade há 6 casas e um pequeno hotel, onde a estimativa é de que estejam vivendo 200 pessoas.

Em Pacaraima (RR), o Instituto afirma que a situação é grave, pois há em torno de 140 indígenas Warao, entre os quais muitas crianças vivendo na rua. Também constatou que circula a informação de que o Exército, a pedido do Governo Federal, transferiu para a localidade cerca de 40 barracas a serem montadas para abrigar os imigrantes Warao, principalmente no início do período das chuvas.

Neste contexto, a Igreja e a sociedade civil tem a proposta de implementar algumas iniciativas por lá, como o serviço de café da manhã para 150 imigrantes indígenas; erguimento de um abrigo temporário ao lado Igreja Matriz e uma força tarefa para documentar os imigrantes, inclusive os indígenas.

Em Boa Vista (RR), o Instituto garante que a sociedade civil continuará apoiando os imigrantes no atendimento e preparação da documentação para obtenção de protocolo de refúgio ou de residência provisória. Para a viabilização desta ação, o Instituto Migrações e Direitos Humanos de Brasília assume o repasse de alguns valores. Ainda de acordo com a entidade, continuarão sendo oferecidas bolsas subsistência de acordo com os critérios de vulnerabilidade previstos nas orientações do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Campanha #CoraçãoAberto

A Igreja Católica no Brasil tem participado também das audiências locais com o Governo brasileiro para buscar uma solução para os imigrantes venezuelanos. A Cáritas Brasileira, organismo ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou a campanha “#CoraçãoAberto”, a pedido do Conselho Permanente da entidade, para sensibilizar a população do Brasil a respeito do crescente número de venezuelanos, especialmente na região Norte do país.

O foco da campanha é convidar a sociedade brasileira para uma ação de acolhida, solidariedade e conscientização neste momento em que o país vizinho passa por uma crise humanitária. De acordo com o diretor executivo da Cáritas Brasileira, Luiz Claudio Mandela, o organismo está atento e preocupado com a crise humanitária que a Venezuela enfrenta nos últimos anos. Ele explicou também que a Cáritas Internacional também tem lançado apoio à Venezuela.

Fonte:

http://br.radiovaticana.va/news/2017/06/16/igreja_no_brasil_a%C3%A7%C3%B5es_em_prol_de_imigrantes_venezuelanos_n/1319415

[A7%C3%B5es em prol de imigrantes venezuelanos n/1319415](http://www.dw.com/pt-br/avan%C3%A7a-integra%C3%A7%C3%A3o-de-mu%C3%A7ulmanos-%C3%A0-alemanha-diz-estudo/a-40214947) -
16.06.2017

Avança integração de muçulmanos à Alemanha, diz estudo

Praticamente todos os imigrantes muçulmanos se sentem vinculados ao país, e seu nível educacional é cada vez mais alto. Por outro lado, um em cada cinco cidadãos alemães não os quer como vizinhos.

De acordo com estudo, 96% dos muçulmanos se sentem vinculados à Alemanha

Em comparação com outros países da Europa Ocidental, a Alemanha apresenta um bom índice de integração de imigrantes muçulmanos em sua sociedade, aponta um estudo apresentado pela Fundação Bertelsmann nesta quinta-feira (24/08).

A pesquisa levou em conta a situação dos muçulmanos que chegaram antes de 2010 à Alemanha, assim como a Suíça, Áustria, França e Reino Unido, e avaliou competências linguísticas, nível educacional, emprego e contatos sociais.

A Alemanha apresentou, de longe, os melhores resultados quanto à integração dos imigrantes muçulmanos no mercado de trabalho. De acordo com o estudo, aproximadamente 60% dos 4,7 milhões de muçulmanos na Alemanha trabalham em tempo integral (assim como a média geral no país), e 20%, meio período. Além disso, 96% dos muçulmanos entrevistados na Alemanha afirmaram que se sentem vinculados ao país.

Mais complicada é a situação de muçulmanos altamente religiosos na Alemanha. Eles raramente encontram um emprego que corresponda a seu nível de qualificação e recebem um salário muito menor em comparação com os muçulmanos que não praticam a religião. No Reino Unido, ambos os grupos ostentam um percentual semelhante de representação no mercado de trabalho.

De acordo com o estudo, 73% dos filhos de imigrantes muçulmanos nascidos na Alemanha

crescem com o alemão como primeira língua, e seu nível educacional é cada vez mais alto.

No entanto, há pontos negativos quanto à educação. Enquanto na França, por exemplo, apenas 11% dos muçulmanos deixam a escola antes dos 17 anos, sem completar os estudos, na Alemanha, o percentual é de 36%.

No entanto, a maior taxa de filhos de imigrantes muçulmanos que completam os estudos na França não os protege do desemprego acima da média nacional e de menos cargos de tempo integral.

"A comparação internacional mostra que não é uma afiliação religiosa que determina as chances de sucesso da integração, mas a conjuntura estatal e econômica", afirma Stephan Vopel, especialista de coesão social na Fundação Bertelsmann.

O estudo, intitulado "Muçulmanos na Europa – integrado, mas não aceito?", mostra quão grandes são as reservas em relação aos muçulmanos. À pergunta "quem você recusa como vizinho?", um número significativamente maior dos entrevistados na Alemanha, Áustria, Suíça, Reino Unido e França se manifestou contra muçulmanos do que contra famílias com muitos filhos, estrangeiros, homossexuais, judeus, pessoas com outra cor de pele, ateus e cristãos. Na Alemanha, 19% rejeitaram vizinhos muçulmanos.

Para o estudo, foram entrevistados mais de 10 mil muçulmanos e não muçulmanos da Alemanha, Suíça, Áustria, França e no Reino Unido no fim de 2016. Muçulmanos que chegaram aos países depois de 2010 não foram abordados.

Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/avan%C3%A7a-integra%C3%A7%C3%A3o-de-mu%C3%A7ulmanos-%C3%A0-alemanha-diz-estudo/a-40214947> - 24.08.2017

ENGLISH

This evangelical church in Berlin is helping Iranians looking for asylum

Amy Bracken

No group is more affected by Trump's immigration ban than Iranians. Over 35,000 Iranians come to the US each year with temporary visas — more than any other nationality on the seven-country list.

Meanwhile, in Europe, many are struggling for recognition alongside unprecedented numbers of refugees.

Most of the asylum-seekers in Europe now are fleeing violence in Syria, Iraq and Afghanistan, but in 2015 more than 25,000 Iranians also sought asylum in Europe.

Once there, many are desperate not to be sent back, for fear of being jailed — or worse — for their beliefs or lifestyles.

About a fifth of Europe's Iranian asylum-seekers are in Germany, and a small number have found sanctuary in a church in Berlin famous for welcoming migrants.

The Evangelical Lutheran Trinity Church and Community in Berlin has changed dramatically of late.

In just a few years, membership has become overwhelmingly Iranian, and most services are now in Farsi.

Pastor Gottfried Martens has long worked with migrants, but they used to be from the former Soviet Union. That changed in 2008, when two Iranians went to Pastor Martens' church because they'd heard he worked with migrants.

"In 2011 I baptized an Iranian for the first time," he says. "Then, until the end of 2012, one invited the next one, and things were growing so fast that we couldn't stay longer in that church."

They moved into a bigger church. And it quickly filled up. By 2013 there were 150 parishioners from Iran and Afghanistan — mostly Iran. Now there are some 1,500.

In Iran and Afghanistan, Christians are a tiny and invisible minority, but among refugees, they're a substantial and growing force. In Berlin, more and more were drawn to this church for the Farsi services. They are also attracted to the church for the hospitality.

Ten of those parishioners, mostly from Iran, are actually living at the church — confined to the property — for up to six months. It's part of a last-ditch effort to avoid deportation. All sleep on bunkbeds in two small rooms in the church building.

They and other parishioners have a lot in common. All the Iranians I meet had first fled to Norway, hoping to get asylum there.

They didn't. So to avoid deportation, they fled to Germany. But under the so-called Dublin Regulation, you can't just keep hopping countries, asking for asylum. You're not eligible to apply for asylum elsewhere in Europe for at least six months.

This church has allowed Iranian Christians to take shelter and avoid being returned to Norway while they wait out those six months.

The residents fear being sent back home for various reasons, some relating to their faith. Ali Tariverdi originally fled Iran after police raided his friend's house and found Tariverdi's laptop with Christian videos on it.

Saeed Seyed Hasan Siah says he was jailed in Iran for his political activities in college, but he thinks his Christian faith could incur something much worse.

"Anybody changing [from] Islam to another religion," he says, "they are killing him."

Human Rights Watch has documented numerous cases of Christian converts being arrested in Iran. Some have been condemned to death, although recent sentences were overturned.

Siah says it's tough being confined here for half a year, but not like the prison time he did in Iran. He spends his days doing chores, preparing Farsi songs and services, studying German and playing foosball.

It's all men that are living at the church. Because of the close quarters, women are rarely taken in.

Women do come by though, and speak with the pastor.

There's Niloofar Sani, who says she fled arrest in Iran for being a female pop singer. And there's Yeganeh Allahyari, a 16-year-old traveling with her mother.

"When I was 14 years old," Yeganeh says, "my father said to me, 'Now your age is good for the marriage.' But I don't want marriage because I love too much to study. It is very, very, very early for me. I don't want."

She says when her mother, Masoomah, protested to her husband, he began to beat her.

After a year in Norway, they recently arrived in Berlin, where they're staying in a shelter. But their journey is far from over.

"We gave all of our document[s] to the Norway's government," Yeganeh says. "And, now we have a problem because the [German] government said, 'How we can know she is your mother and you are her daughter?'"

Masoomah seems to understand the gist of our English because tears are streaming down her face.

I later ask Pastor Martens if he will take them in.

"We are just looking for some alternative," he says, sounding agitated. "It's very difficult because there are very, very few congregations who are willing to help us."

He says they can't stay here, with all the men. But when I ask Yeganeh, she says Pastor Martens has already done so much for them, like writing a letter to authorities on their behalf and connecting

them with a lawyer. She knows he will let them stay.

As for whether the Iranians who've sheltered in his church will ultimately be allowed to stay in the country, the odds are good. In addition to receiving hundreds of thousands of refugees from war-torn countries each year, Germany also accepts most Iranian asylum applications filed here.

Fonte: <https://www.pri.org/stories/2017-02-22/evangelical-church-berlin-helping-iranians-looking-asylum> - 22.02.2017

Latino Muslims get warm welcome at Spanish-speaking Houston mosque

New Muslims can worship in Spanish at Centro Islamico
Monica Rhor

After the call to prayer and the sermon in three languages, after members of the Southwest Houston mosque hailed one another with the traditional greeting of Assalam Alaikum and the sort of warm embraces familiar to Latino gatherings, the imam beckoned to the new convert.

Delmi Realegeño, a newly-arrived immigrant from El Salvador, walked to the center of the musalla, the prayer room, and spoke her shahada - the Muslim testimony of faith.

The 51-year-old housekeeper arrived in this country just five months ago and does not yet speak English, so she repeated the words in her native tongue, led by Imam Abdurahman Vega, who is from Colombia.

"I bear witness that there is no god except Allah. And I bear witness that Muhammad is the messenger of Allah."

Then Realegeño repeated her profession in faltering Arabic - a language she is working to master. With that, Realegeño, who first began to research Islam after the 9/11 attacks, was ushered into a new faith.

"Bienvenida a la gran familia de Islam," Vega said, as women wearing hijabs in lemon yellow, cobalt blue, deep black and bright floral patterns wrapped Realegeño in a cocoon of hugs and congratulations.

Welcome to the great family of Islam.

It was a welcome, as well, into a family within that family - into the ranks of the approximately 250,000 Latino Muslims in the United States, the fastest-growing segment of Islam in this country, and into the shelter of the Centro Islamico,

believed to be the nation's only Spanish-speaking mosque.

Here, worshippers with roots in Puerto Rico, the Dominican Republic, Mexico and other Latin American countries commune over potluck dinners of empanadas, arroz con gandules and halal tamales. They celebrate Cinco de Mayo and Ramadan. They pray in Arabic, Spanish and English.

"It's a wonderful sight to see," said Isa Parada, Centro Islamico's educational director and first full-time imam. "That's how you break down stereotypes and misunderstanding.

And, in a time of fractured politics and heated rhetoric, they serve as a much-needed bridge between communities often separated by suspicion and hostility.

From the outside, Centro Islamico looks like the bank building it once was - all geometric edges and sleek gray-and-glass design. But inside, it brims with touches that recall the architecture and beauty of Moorish Spain.

Red, green and blue stars dot a mural in the entry, reminiscent of decorative Islamic-influenced mosaics. Graceful arches in red and white stripes are patterned on the Mezquita de Córdoba, the 10th-century Spanish mosque where Christians and Muslims once prayed side by side.

The prayer room - Mezquita Al-Hamra - is named after the Alhambra, the Moorish palace in Granada. A classroom and recording studio has been dubbed "Estudio Andalucia," after the region in southern Spain.

The echoes are deliberate.

They speak to the deep connections between the Latino and Islamic cultures - from the Spanish language, which contains approximately 3,000 words with Arabic roots, to a shared history, which dates back to the Moorish occupation of the Iberian Peninsula.

The references to Andalucia and Moorish Spain also symbolize the mission of Centro Islamico, an offshoot of IslamInSpanish, an educational nonprofit started by Jaime "Mujahid" Fletcher in the wake of the 9/11 terrorist attacks.

The 5,000-square-foot facility, which opened in early 2016, is designed to serve as a gathering space for both Latino Muslims and non-Muslims. The prayer room includes windows and upholstered benches for visitors who want to observe services. A reception area offers educational material in Spanish. Classes, which are streamed online, include Spanish, Arabic and "Islam 101," which introduces non-Muslims the fundamentals of the faith.

On one wall, a pair of plaques encourage all who enter: "Bienvenidos, mi casa es su casa." (Welcome, my house is your house) "Donde esta Dios, no falta nada." (Where God dwells, nothing is lacking.)

"We want to create an environment where people can continue having dialogue and get to know how we function as Muslims," Fletcher said. "That is the essence of what we do."

It is also a personal necessity for many of the mosque members who, like Fletcher, have converted to Islam - a decision many non-Muslim family members grappled to accept and understand.

"We have different cultures within our own families," Parada said, "so we have interfaith dialogue every day."

Parada, whose family is from El Salvador, first discovered Islam when he read the "Autobiography of Malcolm X." At the time, he was 14, treading a dangerous line by mixing with gangs, drugs and drinking. He was intrigued by Malcolm X's journey from petty criminal to black activist to observant Muslim. He could relate to his struggles, his search for redemption.

But it would take several more years and two significant jolts - his father going to jail, and his little sister beginning to dabble in the street life - before Parada, raised as a Catholic, was ready to commit to a new faith. At 19, he converted to Islam, and eight months later, married another convert.

Initially, their conversion rankled both of their families. Then his older sister, a devout Catholic, noticed how Islam had changed him for the better. His mother reconciled that Islam was not a rejection of Jesus. His mother-in-law softened after grandchildren were born.

The key, says Parada, was talking honestly about beliefs and welcoming non-Muslim family members to the mosque for sermons, potlucks and carnivals.

"Our faith teaches us to educate and inform," said Parada, now 39.

On a recent Saturday, members of the mosque distributed donations to needy families in the Alief area as part of a "Giving Back to the Barrio" clothing drive. It was a way of doing good while building a sense of understanding and dialogue, Fletcher said.

"When people don't know each other, it's so much easier to isolate each other," he said. "The next step is to hate one another."

For Latino Muslims, the danger of being isolated and stereotyped is even more prevalent now, in the context of the Trump administration's proposed Muslim ban, immigration crackdown and political rhetoric targeting both Muslims and Latinos, Fletcher said.

"We have a double whammy because he started his whole campaign by bashing on Mexicans for being criminals and rapists and Muslims for being terrorists," he said.

The day after the November presidential election, Fletcher heard fellow mosque members tell stories of Latino children afraid that their families would be torn apart, Muslim children worried that they would be killed, parents fearful that they would need to flee the country. A Facebook Live stream of a meeting at Centro Islamico had to be taken down because it spurred so many negative comments.

But, for Fletcher, the election fallout has been a wake-up call - a challenge to continue building bridges, rather than walls.

"We can't be governed by fear. We have to be proud of who we are," he said. "We have to get to know each other and work for common good. That's the clear message."

Thirty minutes before the Friday call to prayer, Centro Islamico was already bustling. Women in head scarves and abayas pushing strollers, small

children darting down the halls, men in baseball caps and skullcaps slipping off shoes.

They huddled together as if at a family reunion, exchanging hugs and hellos, cooing at babies, catching up on gossip.

Then the adhan - call to prayer - sounded and a hush fell over those gathered in the prayer room. The men moved to the front, the women and children gathered in the back.

Parada, standing behind a pulpit of polished wood, began his sermon, alternating between Arabic and Spanish. An English rendition would come at the end.

"May all praise be for Allah," he intoned.

The upcoming month of Ramadan, Parada preached, presents an opportunity to perform good deeds that bring believers closer to Allah and create a chain linking all those who have helped others.

Realegeño the Salvadoran immigrant about to speak her shahada, listened from a corner.

After 9/11, as stories about Muslims circulated, she began to look into the religion for herself. It was, she says, much different from the negative portrayals she had been seeing. She was further

drawn into the faith by seeing the example of her employer, a Pakistani-American surgeon and his family who are observant Muslims.

They brought Realegeño to Centro Islamico so she could practice Islam in her own language.

A few feet away, Monica Morales sat on one of the benches, her hair covered with a bright yellow hijab. Her son, Omar, took a seat on the prayer rug next to the other men.

For Morales, that sight brought comfort she had not found in other mosques. Omar, now 20, is disabled and has trouble speaking. In other masjids, she could not pray in the same room.

At Centro Islamico, Omar has been enveloped with kindness and love. "More than his father has ever shown," said Morales, who was raised in Alief by Mexican immigrant parents.

Here, the atmosphere and culture felt innately familiar. She felt immediately at home.

"Estamos bienvenidos," she explained.

We are welcomed.

Fonte: <http://www.houstonchronicle.com/news/houston-texas/houston/article/Latino-Muslims-get-warm-welcome-at-11177296.php>

29.05.2017

Sanctuary for undocumented immigrants comes with legal consequences

Leaders of faith communities involved in the "sanctuary movement" providing shelter and support for undocumented immigrants could face legal sanction for their actions. However, they say moral and faith issues sometimes trump legal and political issues.

Kimberly Winston

The Trump administration's strong stance on undocumented immigrants is polarizing: People have responded with either "make them leave" or "have a heart."

But the question of whether faith communities can legally offer the undocumented physical sanctuary - sheltering them in churches, synagogues and mosques to keep them from immigration authorities - is not so cut and dried.

"When we use the word 'sanctuary,' we have to be very careful that we're not holding out false hope," Cardinal Donald Wuerl said in comments to the editorial board of The Washington Post in early March. "We wouldn't want to say, 'Stay here, we'll protect you.' ... With separation of church and state, the Church really does not have the right to say, 'You come in this building and the law doesn't apply to you.' But we do want to say we'll be a voice for you."

Leaders of faith communities involved in what is called "the sanctuary movement" say there are moral and faith issues that sometimes trump the legal and political issues.

"We do not want to be bad citizens. We do not want to violate the law," said the Rev. Justo Gonzalez II, pastor of Pilgrim-St.Luke's United Church of Christ, one of two Buffalo, NY, churches that joined the sanctuary movement in February. "But we will stand on the side of justice and we will stand on our faith and God's law, and our understanding that we are to welcome our brothers and sisters. That is part of who we are and who we have been. We are on the right side of justice and the right side of history."

But if the morality of the sanctuary movement is arguable, the law is not.

"The law says no one may knowingly harbor or shield an illegal alien from detection or from enforcement of immigration laws," said Jessica

Vaughan, director of public policy at the Center for Immigration Studies, an independent research organization. “The responsible people could be prosecuted, resulting in incarceration or fines. And sheltering the illegal alien is ultimately pointless, because the federal government can enter the facility to make an arrest if needed, or they will simply wait it out, and the illegal alien will be deported anyway.”

Participation in the sanctuary movement surged after the election of President Trump. Before his election, about 400 U.S. congregations were involved, according to Church World Service, which offers immigrants legal assistance and helps organize the sanctuary movement. Today, CWS estimates more than 800 congregations are involved.

Many other congregations support the communities that offer physical sanctuary, providing funds, food, clothing, legal assistance, and more. The movement includes Christians, Jews, Muslims, Baha'is, Buddhists, and other faith traditions.

But it is the congregations that shelter undocumented immigrants that take the legal risks. And that has some religious leaders preaching caution rather than participation to their members.

In Chicago, Cardinal Blase Cupich tempered instructions to priests, saying Immigration and Customs Enforcement officials may not enter without a warrant and reminding priests that only they may live on church property.

Father Bryan Pham, a Jesuit priest and professor at Loyola Marymount University in Los Angeles, outlined five legal points churches should consider before becoming a sanctuary congregation. Among them:

- There is no legal definition or standing for a “sanctuary,” so housing an undocumented immigrant in a house of worship is a violation of federal law.
- Congregations can't claim that harboring an undocumented immigrant is an expression of their First Amendment's guarantee of freedom of religion.
- Claiming a house of worship as a “sanctuary” and housing people inside it could be a violation of local ordinances, which may give law

enforcement officials probable cause to obtain a warrant for a search and possible arrests.

Labeling a house of worship “may give a false sense of safety,” Pham told National Catholic Reporter. “If you declare yourself a sanctuary, you're implying you can provide legal and other protection. And that's not true.”

To date, ICE officials have not entered any churches to conduct a raid - though they did stake out a church-run homeless shelter in Virginia and arrested people as they emerged. And in the 1980s, some church leaders in several states who sheltered about 2,000 undocumented immigrants from war-torn Central America were tried and convicted, but were not given jail sentences.

Today, immigration experts say ICE will likely refrain from entering a church - deemed a “sensitive location,” along with schools and hospitals, by the Department of Homeland Security - because the visuals would bring a public relations nightmare.

In Buffalo, Gonzalez said he and his congregation of about 110 consulted lawyers before making their decision to become a sanctuary. The vote was unanimous.

“No one blinked,” Gonzalez said.

The church officially opened its doors to the undocumented with a public announcement in local media in February. Gonzalez declined to say whether the church is housing anyone, for fear of endangering them and implicating the church.

“I can say, when there have been rumors of ICE activity and Border Patrol activity we have opened up the church and people have come and we have spent the day with them, fed them and provided them a safe and sacred space,” he said.

Should ICE come to the church, its employees are ready, Gonzalez said. They have been trained in the proper legal protocol and in their legal rights: ICE officials must present a warrant and the name of who they are looking for.

“We no longer just buzz people into the building,” Gonzalez said. “We have to know who you are and why you are here. We are doing the best we can to protect ourselves and stand firm that this is holy ground that we will not allow to be violated.”

Fonte: <https://cruxnow.com/church-in-the-usa/2017/03/17/sanctuary-undocumented-immigrants-comes-legal-consequences/> - 17.06.2017

How Houses of Worship Help Immigrants Adjust to America

These churches and mosques assist their congregations with everything from civic rights to the college application processes.

Teresa Mathew

Inside the Masjid Aqsa on East 115th street in East Harlem, women in black niqabs and brightly colored headscarves file down a narrow staircase alongside men speaking in Wolof and Mandingo. Most of the congregants at this West African mosque are recent immigrants, and the only information they have about immigration or civic rights comes from workshops held inside these walls. Immigrants come to their houses of worship to pray and retain a religion intertwined with culture, but they also turn to churches and mosques for the services and information they need to adjust to life in America.

American churches have a long history of devoting resources to caring for marginalized communities: parishes around the country run soup kitchens, homeless shelters, and refugee resettlement programs. For churches and mosques whose parishioners are themselves members of marginalized communities, that ministry often means looking inwards.

In New York City, some houses of worship have majority-immigrant congregations. Kenneth Guest, a professor at Baruch College in New York and the author of *God in Chinatown*, estimates that eighty-five percent of the congregation at the Tianfu Methodist Church in Sunset Park, Brooklyn, is comprised of new immigrants, most of whom are from the Fujian province of China. They're not alone: Across the country, many immigrants identify as religious. According to a 2013 report from the Pew Research Center for Religion and Public Life, 61 percent of legal immigrants from the prior year were Christian, 10 percent were Muslim, and 6 percent were Buddhist. Fourteen percent were religiously unaffiliated, as opposed to the 22.8 percent of Americans who identified as such in a 2014 Pew report. Across the city, large ethnic minority communities rely on their houses of worship for both the spiritual and the prosaic.

Houses of worship are powerful places to gain social capital in any society, but that power is twofold for immigrant communities, says Pyong Gap Min, a professor at Queens College and CUNY's Graduate School who has studied the role of Korean churches and Hindu temples in assimilation. Min believes that the most powerful function an immigrant church serves is ethnic retention—a place for the next generation to learn cultural touchstones and mother tongues.

But, he says, these churches also give new immigrants a course in America 101. The church—through both pastors and laypeople—teaches worshippers everything from how to apply

for a social security card to how insurance works in America. Through casual conversations, new immigrants can easily become part of a larger network that disseminates information about employment and housing opportunities. Mosques and church networks serve as unofficial work referral systems, where worshippers can hear about jobs or scope out who they might hire themselves.

Erum Jaffer, a social worker and member of the Ismaili Muslim community, moved with her parents to America from Pakistan when she was five years old. Her jamatkhana—an Ismaili Muslim religious gathering place—helped her parents navigate the college application process, impressing upon them the importance of SAT classes and encouraging Jaffer to move away from the community for college. Jamatkhans in New York City are also instrumental in walking immigrant parents through the city's notoriously complex high-school application process.

"A person goes to a place of worship for two things: prayer and community," Jaffer says. "But, once they go, they get whatever other services are provided."

These spaces are also perceived to be trustworthy, explains Iman Boukadoum, a lawyer and the director of the Interfaith Center of New York. If an issue arises in a Yemeni Muslim home about divorce, domestic violence, or immigration, the mosque is where one would go to seek answers and counsel. "That's how it works back home," Boukadoum says. "The mosque played a central role in their lives, and that's where community is for a lot of folks." The first order of business for a new Muslim immigrant—especially one who doesn't speak English—is to find a local mosque, says Robina Niaz, the Executive Director of Turning Point, an organization that helps Muslim women and children affected by domestic violence. Many new immigrants fear going to government agencies or hospitals for help because they worry about being targeted by ICE. That makes the houses of worship a kind of catchall for immigrant communities. All too often, Niaz says, mosques "are forced into those roles...mosques have had to serve as community centers, often over-extending their resources."

Frequently, a mosque will connect with Muslim lawyers and invite them to impart civic and legal advice to the congregation. Iman Boukadoum speaks at predominately immigrant mosques from Brooklyn to the Bronx about civic rights and immigration. Boukadoum has seen an increased need for her services since the 2017 election, and

has conducted over 25 workshops around the city since what she calls “the insanity” began. “I can’t even put into words how much of a worry, how much of a fear—the deep anxiety—within communities,” she says. “Not just Muslim communities but immigrant communities.” Most of the questions and fears she deals with revolve around America’s naturalization process and traveling outside the country.

If houses of worship cannot provide certain services themselves, they will often partner with the city or other organizations to make sure their congregants get the services they need, functioning as an advocate or conduit rather than a direct provider. Souleimane Konaté, an Imam at the Masjid Asqa in Harlem, regularly works with city leaders and local community- and faith-based organizations like the African Council of Imams and the New York City Mayor’s office. He has helped advocate for a clinic at the Harlem Health Center designed specifically for the needs of his West African Muslim community. It is staffed with translators who speak multiple African languages and accommodates patients who want to be seen by a doctor of the same gender.

Aside from lacking the resources to provide myriad services on his own, Konaté also believes that working with outside organizations helps to give his mosque’s programs more credibility. He has invited immigration officers, lawyers, and members of the NYPD to teach workshops at the mosque about civic rights. After Trump was elected, Konaté says, many in his congregation were too scared to go to work. Drivers in particular

were afraid, worrying that displaying a driver’s license that said “Mohammad” would make them a target. But after the workshop was over, according to Konaté, the relief in his community was palpable.

Occasionally, houses of worship can aid immigrants in the naturalization process or in getting a visa. Documents like baptism certificates or photographs can have dual purposes: establishing when and where an immigrant was at a certain time, and showcasing that he or she is part of a community. Kenneth Guest remembers worshippers at the Tianfu Methodist Church once lining up to have their photos taken with a Methodist bishop, with the hope of including the snapshot in their naturalization applications. And in cases where an undocumented immigrant married to an American citizen has been deported or is facing deportation, pastors often write letters to the government advocating for the person to be allowed to remain in the U.S. “Those are some of the strongest letters,” says Brynne Howard, a managing attorney who works for Justice for Our Neighbors, a legal clinic affiliated with the United Methodist Church that provides free or low-cost immigration services.

At the end of the day, says Konaté, immigrants “trust imams—or pastors—more than politicians.” Even when it comes to matters beyond the spiritual, they will put their faith in houses of worship.

Fonte: <https://www.citylab.com/life/2017/08/how-houses-of-worship-are-helping-immigrants-adapt-to-america/535992/> - 07.08.2017

Catholic bishop protects 2,000 Muslim refugees in CAR

A Catholic bishop in the Central African Republic (CAR) has given refuge to 2,000 Muslims who are living in fear of attacks from a mainly Christian militia.

Juan José Aguirre Munoz says that the refugees cannot leave the seminary's compound in the south-eastern city of Bangassou.

He told the BBC that the refugees "risk death" from anti-balaka militias.

The UN's humanitarian chief warned last week of possible genocide.

Stephen O'Brien said that violence in CAR was escalating and the situation was becoming dire.

"Violence is intensifying, risking a repeat of the devastating destructive crisis that gripped the country four years ago," he said.

Mr O'Brien added: "The early warning signs of genocide are there. We must act now."

CAR has experienced sectarian violence since 2013, when the largely Muslim Seleka rebels seized power, and were accused of killing non-Muslim civilians.

The anti-balaka "self-defence" groups were then formed but have also been accused of atrocities.

Balaka is a street name which means bullets and the militia's name therefore translates to "those who stop bullets". Seleka, on the other hand, means "coalition" in the widely-spoken Sango language.

According to the UN, thousands have been killed and at least a million people have been displaced in CAR since 2013.

It also says that at least half of the population is dependent on humanitarian aid.

A tenuous peace deal signed in June saw 13 out of 14 armed groups operating in the country agree with the government to end fighting in exchange for political representation and the integration of armed militias into the military.

Bishop Munoz says that the refugees sought help at the seminary after fighting broke out in May, and have since been under the care of the church and aid organisations.

"Nearby, there are anti-Balaka militias who prevent them from going out to search for food, water or firewood," he said. "So they are completely confined inside the seminary. They would risk death if they venture out," he told the BBC's *Newsday* programme.

Protecting the vulnerable

A 10-year-old boy who was caught up in the violent clashes told a Médecins Sans Frontières (MSF) aid worker that he was shot at.

"People fired shots. One of my brothers received a bullet in his heart. Another brother got a bullet in

his chest. I also received one in my testicle," he said.

A doctor with MSF, Ernest Lualuali Ibongu, told the BBC that there are other people in the seminary who need medical care but who cannot leave the compound to get to a hospital.

Bishop Munoz said that the refugees needed to be relocated because many aid organisations have stopped working in the area.

He said that attempts to appeal to the militia to allow aid workers in had failed.

"The anti-Balaka are armed and very violent and capable of killing children," he said. "It is very difficult to reason with [them]."

He says that both anti-Balaka and Seleka militias have attacked the church's properties, but adds that it is determined to protect vulnerable people from both sides.

"For us, there's no such thing as a Muslim person or a Christian person, everyone is a human being. We need to protect those who are vulnerable."

Fonte: <http://www.bbc.com/news/world-africa-41106830> - 31.08.2017

Churches, places of reference, integration and socialization for the immigrant population

A study by the UPV/EHU-University of the Basque Country describes Pentecostal pastors as cultural mediators in migrants' integration process

For the migrant population of Sub-Saharan origin, religiousness is a key aspect in their process of integration; "a fairly significant relation is seen to exist between these two factors," pointed out Rafael Cazarin, a sociologist at the UPV/EHU's Department of Sociology II - INNOLAB research centre. "When they go to the churches to participate in the services, they have the chance to establish affective bonds with the community and build relationships of trust while sharing certain values and migratory experiences". In order to analyse the interrelation between religion, churches and pastors in the integration of migrants, Cazarin conducted an ethnographic study on the Evangelical-Pentecostal churches of Sub-Saharan origin, particularly looking at Nigerian and Congolese pastors.

Evangelical Pentecostalism is the most important Christian movement in modern Sub-Saharan Africa; it has shown one of the highest growth patterns in the last 20 years amongst the four great world religions (Christianity, Judaism, Buddhism and Islam), but specially in Africa and the American continent. "Although local people may not consider the existence of these churches,

in Bilbao for example, my research covered 6-7 Pentecostal churches. In Greater Bilbao there may be, surely, the double of this number or even more; yet it is true that they are very precarious and are found in marginalised locations. If you wander through the San Francisco neighbourhood, you can find a series of posters inviting people to attend the sessions held at weekends in the different churches," he explained.

Beyond the services of worship, these churches are places that host a great diversity of events of interest for the immigrant population. "For instance a couple of times I have assisted an event that involved the embassy of Nigeria or heard about specific diplomatic procedures that Nigerians had to go through; or even managing cultural conflicts. This is so because of the strategic role of pastors as community leaders and influential people in the everyday life of migrants," said the researcher.

As Cazarin specified, pastors act "as cultural brokers and people who inform the community by providing a range of knowledge of general interest for the people who, in many cases, are

undocumented, such as places where they can register, the welfare benefits they can apply for, or how best to get around in certain provinces. They also speak several languages, something that is very important in the process of mediation, as they are people who have been here much longer. So they are very important figures for the community".

The churches, places for integration and socialization

One of the most noteworthy conclusions emerged from the research is that the churches are more than meeting points for a religious group; "it is place of reference for people with different cultures and nationalities who in other contexts would not mix," he said. This cultural blend leads, at the same time, to the rearrangement of values, morals and the way they interpret their conditions. In other words, migrant worshippers "tend to set aside traditional particularities from their cultures of origin while reinterpreting them as part of one big Christian culture; they negotiate their own social cohesion in the place of evangelical worship". This turns the churches into places for the socialisation and management of diversity beyond that of religion: "The pastors say that many people go to church to develop social relationships, to reinforce their affective bonds and to seek companionship, which are harder to come by in their daily lives owing to the isolation caused by the migratory process. When they meet, they talk about other things, and after the services there are sometimes other types of events, etc."

Having this information in mind, Cazarin believes that "the state could acknowledge these churches and, more specifically, the pastors, to implement integration policies. Firstly, the view they have of that of place for religion only and that churches are very far removed from the notion of social, economic or cultural integration. Secondly, the function of the pastors in the immigrant community is not recognised. In other places with a more-deeply rooted history of migration flows, such as Germany or even Catalonia, these leaders are seen as allies and migrant communities are

accessed more easily through state agents. While no greater outreach of the public integration services is forthcoming, these people will to continue to seek the pastor because he/she is the closest person to them, a social reference".

Despite having focussed his research on Evangelical-Pentecostal churches, Cazarin pointed out that "the results can be extended to other religions or denominations in migratory contexts in terms of socialization, the management of cultural diversity and, above all, the role of the religious leaders in the group of worshippers."

Additional information

Rafael Cazarin (Brasilia, Brazil, 1986) was awarded with a PhD (cum laude) by the EHU-UPV with a thesis entitled: Religion, emotion and social transformation along migratory processes. The cases of African church leaders in Spain and South Africa. To perform this task, he conducted fieldwork in Bilbao and in Johannesburg (South Africa), and collaborated with various organisations, such as the ISOR (Investigacions en Sociologia de la Religio, identitat i memoria) of the Autonomous University of Barcelona; the African Centre for Migration and the Society of the University of Witwatersrand, and Oxford University's International Migration Institute.

Bibliographical reference

R. Cazarin, E. Cossa. "Spiritual brokers: African Pastors and the mediation of migratory processes". *Critical African Studies*. <http://dx.doi.org/10.1080/21681392.2017.1339246>

R. Cazarin. "Emotions and Spiritual Knowledge: Navigating (In)Stabilities in Migrant Initiated Churches". *Annual Review of the Sociology of Religion*, volume 8, part 2 (8). <http://www.brill.com/products/book/annual-review-sociology-religion-2>

Fonte: https://eurekaalert.org/pub_releases/2017-09/uotb-cpo091217.php - 12.09.2017

Immigrant hurricane victims turn to churches amid fear

Elliot Spagat

Immigrants came from across Houston to a Baptist church gymnasium and stacked dollies with boxes of cereal, orange juice and household necessities like cleaning bleach.

For many of them, the church was the safest place to seek relief after Harvey devastated Houston and left thousands of immigrants fearful

of turning to the government for help amid fears they would get deported. A similar response was seen in immigrant-heavy sections of Florida after Irma swamped the state.

“We have to come together as churches to help the undocumented,” Emmanuel Baptist Church pastor Raul Hidalgo said while mingling with victims and volunteers on the church gymnasium’s parquet floor.

Places of worship and private charities in Texas and Florida are playing a pivotal role in the recovery effort from Hurricanes Harvey and Irma because so many storm victims are immigrants in the country illegally — and therefore ineligible for federal disaster aid. They are doing charity giveaways like the one at Hidalgo’s church. Catholic Charities of the Archdiocese of Galveston-Houston is hosting workshops for immigrants to explain FEMA eligibility and answer other questions.

Federal Emergency Management Agency rules allow people in the country illegally to apply for disaster aid on behalf of children under 18 years old with legal status, but many worry about the government sharing information with immigration authorities.

Cesia Lux, a 25-year-old Guatemalan, went to the church giveaway in the heavily Latino Houston Heights area for help, loading a family member’s pickup truck with diapers, canned beans and other goods after her house took on a foot of water. She is in the country illegally, but her husband, 2-year-old daughter and 8-month-old son are U.S. citizens.

Her husband applied for FEMA aid despite misgivings that it might lead immigration authorities to her.

“One never knows what they do with the information,” Lux said.

Houston has nearly 600,000 people in the country illegally, more than any U.S. metropolitan area except New York and Los Angeles, the Pew Research Center estimates. Florida has 850,000, more than any state except California and Texas. Immigrants in Florida and Texas have been on edge after federal agents have stepped up enforcement efforts under President Donald Trump, who has made immigration a top priority of his administration.

Texas adopted a tough law against cities that don’t cooperate with immigration authorities, fueling more fears even though a federal judge largely put it on hold Aug. 30. Attorney General Jeff Sessions has praised Miami-Dade County for dropping its “sanctuary city” policy this year and honor requests from immigration authorities to

hold people in jail. Florida saw conflict arise on immigration during the storm when the sheriff in a county between Tampa and Orlando had officers check IDs for anyone entering shelters. The Florida Immigrant Coalition complained immigrants were frightened to seek shelter there.

The Florida city of Immokalee — home to a large migrant worker population — was hit hard by the storm. FEMA has set up a registration site in the city, but many immigrants rent their homes there and aren’t planning to apply for government assistance. Churches in the city have been handing out food and water to immigrants struggling in Irma’s aftermath.

FEMA’s disaster aid application warns immigrant parents who apply for their children that information including addresses may be shared with immigration officers. It suggests consulting an attorney or other immigration expert with questions.

William Booher, FEMA’s public affairs director, said the agency won’t “proactively” share information with immigration enforcement agencies but will on request “if a significant law enforcement interest exists,” including national security cases.

Immigration and Customs Enforcement, which employs thousands of deportation officers, “generally would not request this information for immigration enforcement purposes, except in the case of a national security threat, public safety threat or other criminal investigation,” said spokeswoman Liz Johnson.

Senior officials in the administrations of Presidents George W. Bush and Barack Obama said FEMA’s warning predated them. They said they never knew of information being passed to immigration authorities under their watch.

“In the Bush administration, when there was a disaster it was all hands on deck to try to help the humanitarian side,” said Julie Myers Wood, ICE director from 2006 to 2008. “It was not a focus to gather information for enforcement purposes.”

Craig Fugate, the FEMA director under Obama, said he referred people in the country illegally to Catholic Charities during an earlier stint as Florida’s top crisis response manager.

“People are so afraid of deportation or being arrested that they won’t get assistance they need just to survive,” he said.

Young immigrants who came to the U.S. as children and were living in the country illegally faced a similar dilemma when applying for Deferred Action for Childhood Arrivals, a program started by Obama that allows them to stay in the

U.S. When President Donald Trump announced last week that he was ending DACA, his administration said it doesn't "proactively" share information on its 800,000 recipients with immigration enforcement officials unless they meet criteria that include posing a threat to public safety or national security.

Marta Rivera, 36, sat in a folding chair at Emmanuel Baptist Church and told an immigration advocate across the table that she avoided shelters after Harvey hit because she thought it might lead to getting deported. As she explained

how Trump's presidency has made her more anxious, her 10-year-old daughter began to sob.

"I feel like my life is here," said Rivera, who came to the U.S. as a child. "If they send us to Mexico, I have nothing there. I don't know anyone."

After some coaxing, she said she would apply for FEMA aid on behalf of her three children who were born in the U.S.

Fonte: http://www.santafenewmexican.com/news/immigrant-hurricane-victims-turn-to-churches-amid-fear/article_4f776495-586f-55bd-8b9c-64499e9fa70a.html

21.09.2017

ESPAÑOL

Entregan premio "Méndez Arceo" a la hermana Leticia Gutiérrez

Maritza Cuevas

En una ceremonia efectuada en la capilla de la Tercera Orden de la Catedral de Cuernavaca, se realizó la entrega del XXV Premio Nacional de Derechos Humanos "Don Sergio Méndez Arceo", en las categorías individual y grupal, que consta de un diploma y un reconocimiento monetario de diez mil y cinco mil pesos, respectivamente.

La religiosa scalabriniana Leticia Gutiérrez Valderrama, fue quien recibió el premio en la categoría individual por su compromiso con la defensa de los derechos humanos de la población migrante en tránsito por nuestro país y su aporte en políticas públicas en favor de este sector.

En 2013, fundó la organización Scalabrinianas Misión para Migrantes y Refugiados (SMR), en la Ciudad de México, donde se ha encargado de brindarles atención integral, psicosocial y jurídica para intentar que sus derechos humanos sean respetados.

Su trabajo no se limita a los derechos humanos, sino que pretende aliviar cuestiones básicas como alimentación, vestido y refugio para los miles de migrantes que llegan día tras día en solicitud de apoyo, consuelo y orientación.

En la categoría grupal, el premio fue otorgado al Centro de Derechos Humanos "Zeferino Ladrillero", cuya labor se ha enfocado principalmente a la defensa del territorio y los recursos naturales de los pueblos y colonias del Estado de México.

Fue fundado en 2012 por estudiantes y docentes de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), así como integrantes de organismos de derechos humanos, colectivos de abogados democráticos y agrupaciones sociales.

En su trabajo han defendido a distintos pueblos indígenas y campesinos, donde el gobierno ha querido privatizar el agua.

Asimismo, junto a la comunidad de San Francisco Xochicuautla, se han mantenido en resistencia ante el proyecto de construcción de la autopista Toluca- Naucalpan, ya que atenta contra el derecho a la tierra y los usos y costumbres de la comunidad.

Durante la ceremonia se contó con la participación musical de Lalo "El Guajolote" y Arturo Torres "Churro", quienes interpretaron una variedad de corridos surianos.

El presbítero Ángel Sánchez recalcó que este galardón es una herramienta para fortalecer el caminar en la lucha de los defensores de los derechos humanos.

El premio "Don Sergio Méndez Arceo" se otorga para reconocer, estimular y promover la solidaridad y el acompañamiento a las organizaciones, grupos y personas que destacan por su valor en la defensa y promoción de una cultura de respeto a los derechos humanos en nuestro país.

Fonte: <https://www.elsoldecuernavaca.com.mx/local/entregan-premio-mendez-arceo-a-la-hermana-leticia-gutierrez> - 23.04.2017

Casa del migrante “San Carlos Borromeo” en Salamanca ofrece apoyo a más de 80 migrantes al mes

Moises Mendoza

Desde hace 9 años la Casa del Migrante ofrece apoyo con techo, ropa y alimento a los migrantes mexicanos y extranjeros. Esta institución está integrada a la Red de Documentación de las Organizaciones Defensoras de Migrantes.

La Casa del Migrante en Salamanca se mantiene con donaciones de ropa, alimentos y diversos productos que hace la ciudadanía, también recibe apoyo por parte de empresas, universidades y grupos de iglesias católicas. La movilidad de migración interna se origina principalmente en los estados de Oaxaca, Chiapas y Tabasco, los

jóvenes son el sector más vulnerable para el fenómeno de migración, el 53.3 por ciento de migrantes son personas entre los 18 y 30 años de edad.

De acuerdo con cifras que maneja la Red de las Organizaciones Defensoras de Migrantes, se estima que el número de personas migrantes en situación irregular que atraviesa el país es alrededor de 400 mil al año.

Fonte: <http://csem.org.br/noticia/6245-casa-del-migrante-san-carlos-borromeo-en-salamanca-ofrece-apoyo-a-mas-de-80-migrantes-al-mes> - 11.07.2017

Trump no detendrá sueños de migrantes: Pastores por la Paz

Paulo Monsiváis

“Donald Trump habla mucho y hace mucho escándalo, pero la mayoría de las cosas que él dice no puede ponerla en las políticas públicas, así que una cosa es llamar al diablo y otra es verlo venir y los sueños de los migrantes y de la solidaridad con pueblos como el de Cuba no se van a detener por estas medidas”.

Señaló el sacerdote Luis Barrios, co director de IFCO/ Pastors for Peace (Interreligious Foundation for Community Organization) Fundación Interreligiosa para la Organización Comunitaria/Pastores por la Paz, con sede en Nueva York y responsable de la Caravana de la Amistad EU-Cuba, quien aseveró “no nos van a quitar la motivación”.

Mencionó que aunque las políticas se han recrudecido contra las organizaciones como la que él encabeza en los Estados Unidos, “vamos a seguir luchando... hay mucha ignorancia dentro del pueblo de Estados Unidos sobre temas sociales y la realidad de su propia nación, imagínate cuando tiene que ver la realidad de otras naciones”.

“Entonces nosotros salimos a luchar contra esa ignorancia con un proyecto de desobediencia civil, pero de educación popular, impactamos ya poco más de 50 ciudades, se llevó al Congreso de Estados Unidos para que los legisladores conozcan la realidad y de esta manera crear conciencia en la ciudadanía y autoridades sobre estos temas”, expuso.

Comenta que es necesaria esta educación hacia la gente para que las personas conozcan cómo es en verdad la situación que ocurre en los países y no sólo dejarse llevar por una sola versión o por organismos que pretenden manipular las creencias y generar encono entre los pueblos.

Expuso que las Caravanas de la Amistad EU-Cuba no se detendrán y este 2017 fue la edición 28 de este movimiento, que apoya a la isla con diversa ayuda, celebrando el 50 aniversario de IFCO/ Pastors for Peace (Interreligious Foundation for Community Organization) y la conmemoración de los 50 años de la caída en combate de Ernesto Ché Guevara.

Fonte: <http://csem.org.br/noticia/6276-trump-no-detendra-suenos-de-migrantes-pastores-por-la-paz> - 17.07.2017

Muro en frontera no será impedimento para los migrantes; padre Julián Verónica

Yolanda Reyes Apodaca

La migración continuará así pongan mil muros porque es mayor la necesidad de trabajo para

contar con una vida digna, afirmó el sacerdote Andrés Julián Verónica Fernández, coordinador de la Pastoral Social en la Diócesis de Córdoba.

Tanto en México como en Centroamérica hay mucha necesidad de trabajo, ni las políticas migratorias del presidente de Estados Unidos, Donald Trump, frenan la migración.

Explicó que aunque el tren es el medio por el cual siguen viajando los ilegales, ya es menor el número de quienes lo utilizan, ahora buscan otras rutas y formas para llegar a la frontera norte y cruzar a la Unión Americana.

Por lo que mostró su preocupación porque al abriese nuevas rutas: por sierra, ríos y mar los migrantes se vuelven más vulnerables a ser blanco de grupos delictivos.

El presbítero contó que en la región de Córdoba ya es común ver pasar no sólo a centroamericanos, también haitianos y cubanos,

pero sobre todo son las zonas fronterizas las que ya fueron rebasadas por completo al recibir a tantos migrantes, señaló.

Contó que el número de migrantes es fluctuante, sin embargo este año disminuyó mucho, tan sólo en el 2016 llegaron a pasar hasta 200 por semana, hoy descendió a 50 en algunas ocasiones, pero sea mucho o poco el fenómeno no puede detenerse.

Y continuará mientras en México y los países centroamericanos no generen las condiciones para crear fuentes de empleo bien remunerados.

Incluso, la migración también se nota al interior del país porque la gente siempre buscará tener más ingresos, aunque arriesgue su vida en el camino, concluyó.

Fonte: <http://csem.org.br/noticia/6332-padre-julian-veronica-muro-en-frontera-no-sera-impedimento-para-los-migrantes> - 27.07.2017

Una misión sin fin: cómo la Iglesia atiende a los migrantes ante el olvido del gobierno mexicano

En decenas de albergues, miles de centroamericanos que buscan el 'sueño americano' reciben ayuda, cobijo y alimento, que de otra manera no tendrían.

Erika Flores

"Donde come uno, comen tres", dice un popular refrán. Pero en los 25 albergues para migrantes que la Organización Internacional para las Migraciones (OIM) documentó en operación en México en 2015, este no es un refrán sino una regla cotidiana para hacer frente a la incertidumbre que les causa el número de personas que llegan buscando ayuda diaria. Hoy pueden ser quince o veinte, pero mañana pueden ser treinta, cuarenta o más, según la ruta y entidad por donde arriben.

Y la realidad es que estos miles de migrantes pueden comer, vestir, dormir y contar a veces con apoyo médico, legal o psicológico en su tránsito hacia Estados Unidos, es porque estos albergues son atendidos por sacerdotes y religiosos de escuelas pastorales y diócesis en 12 entidades del país.

Por un lado, la iglesia asume esta responsabilidad por considerarla parte de "la obra de Dios". Pero más allá del discurso pastoral, la realidad es que también lo hacen porque al estar frente al migrante que pide ayuda, casi nunca encuentran a nadie dispuesto, excepto los sacerdotes. Ellos, a su vez, cuando necesitan apoyo de alguna dependencia municipal, estatal o federal para realizar esta labor, pocas veces obtienen

respuesta. Y cuando la consiguen es más por excepción, que por regla; o al menos esa es la razón principal que dieron a HuffPost México los encargados de albergues migrantes situados en los estados de Chiapas, Veracruz, Oaxaca y Coahuila.

Isaías 41:10 No temas, Yo estoy contigo

"Cuando los hombres cierran la puerta, Dios abre un portón", sentencia el padre Flor María quien encabeza la Casa del Migrante en Tapachula, Chiapas. Aquí llegan anualmente un promedio de seis mil migrantes de los cuales ninguno es mexicano. "El 98 por ciento son centroamericanos y el resto ha llegado de Bangladesh, África, Haití, Congo; y Cuba, a consecuencia de los cambios a la ley 'pies secos'. No sabemos si sea por el efecto (Donald) Trump pero aquí bajó un 40 por ciento el número de gente de paso", afirma el religioso. Además, como parte del trabajo del albergue, asegura que se encargan de conseguir documentos de identidad para quienes los necesitan. "Ningún migrante puede salir de aquí sin documentos".

De este albergue hay, por decirlo de una manera, una cadena de sitios hermanos en el país, casas de auxilio en Nuevo Laredo, Tijuana y Guadalajara; todas pertenecen al grupo

misioneros de San Carlos Scalabrinianos, una congregación católica que nació en Italia con un enfoque particular en los fenómenos migratorios; hoy tiene presencia en 32 países donde se ubican más de 200 casas-albergues.

Su financiamiento económico proviene de tres lados: la ACNUR (la agencia de la ONU para refugiados), un fondo suizo y uno más holandés. "En octubre pasado el DIF estatal nos quitó un apoyo de 20 mil pesos que nos entregaban desde 2008, lo retiraron sin explicación alguna; quizás sea otro caso de corrupción. Una empresa privada nos ayuda con algunos donativos y la Secretaría de Relaciones Exteriores -a través de Cofepri- nos envió 31 mil confecciones de medicina".

"Desde hace dos años, 64% de los bebés nacidos en hospitales de Tapachula son de madres centroamericanas". -Padre Flor María

Por ser un punto límite con la frontera sur y la violencia que proviene de pandillas centroamericanas, Flor María ejemplifica con una historia real, el drama que viven casi todos los migrantes que llegan allí. "Una mamá me llegó sola con siete hijos y cuando le pregunté a dónde iba sola con ellos, dijo: no se olvide padrecito que nosotros allá en nuestro país, cargamos nuestro ataúd en la espalda día tras día porque cada momento y cada día, puede ser nuestro cementerio. Así que de morir en mi tierra o morir en el camino, prefiero morir dando un paso".

De paso en paso esta mujer llegó a México y quizás esa sea la razón por la que el 70% de quienes llegan a esta casa del migrante, solicitan refugio a este gobierno. El sacerdote apunta un dato que no debe ser invisible: desde hace dos años, 64% de los bebés nacidos en hospitales de Tapachula son de madres centroamericanas.

Si bien las autoridades federales en turno no brindan un apoyo económico a esta casa, Flor María resalta otros apoyos que recibe en especie para sus protegidos. Se refiere a los reconocimientos que la Secretaría de Educación Pública les otorga en cada curso que allí imparten como estilismo, corte y confección, reparación de computadoras, refrigeradores y aire acondicionado. Cursos que, afirma el religioso, permiten a los migrantes buscar empleo en armadoras del norte del país.

"Si tenemos que hablar de un prójimo, México tendría que ver por los suyos. Pero hay que reconocer que a diferencia de otras naciones centroamericanas que no se mueven para nada, México por lo menos da a los migrantes, la posibilidad de hacer trámites legales, derecho a la

escuela y servicios básicos. Y eso, en muy pocas naciones ocurre".

Mateo 5:42 Al que te pida, dale

El Centro de Orientación al Migrante de Oaxaca (COMI), en el centro de la ciudad de Oaxaca, tiene capacidad para atender, máximo, 25 migrantes por mes. Pero ¿Cómo cerrar la puerta a otros más que solicitan ayuda? La respuesta fue apachurrarse un poco en el espacio físico, para sobrepasar su límite llegando a recibir hasta 40 migrantes. "Es porque Dios nos echa la mano para que salgan bien sus alimentos" relata Laura Fuentes, administradora del este lugar único en la capital del estado.

"México por lo menos da a los migrantes, la posibilidad de hacer trámites legales, derecho a la escuela y servicios básicos. Y eso, en muy pocas naciones ocurre". -Padre Flor María

Aunque este albergue opera como una asociación civil, la realidad es que es dirigido por un sacerdote, el padre Fernando, quien, naturalmente- aplica ciertas normas propias de la religión para vivir el día a día. "La iglesia no tiene nada que ver con el albergue, que es arreligioso. No recibimos nada del gobierno, sobrevivimos con donaciones de la ciudad. El padre busca entre sus conocidos donación de azúcar, despensa y algunas escuelas que nos llegan a ayudar. Aquí los martes son días de plaza, así que pedimos comida o lo que nos puedan obsequiar en el mercado".

A este lugar casi no llegan mexicanos por lo que, en cuestión de estadía, se da preferencia a los migrantes centroamericanos. Si solo van de paso hacia el norte pueden permanecer allí de uno a tres días; pero quienes han sido víctimas de delito tiene permiso para quedarse algunos días mientras las autoridades les otorgan una visa con duración de un mes. En ambos casos estos migrantes pueden hacer uso del teléfono, cobro de giros y servicio médico en caso de urgencia.

"El gobierno no se hace cargo de estos casos. Pero tampoco estamos al abandono porque en cierta forma la gente nos apoya. Por ser una asociación civil, tenemos convenios con instituciones oaxaqueñas de ayuda al migrante mexicano. A veces tenemos donaciones en especie como un refrigerador o sartenes; hay empresas que nos donan despensa como salsa de soya o aceitunas; aunque siempre preferimos que nos ayuden con productos de primera necesidad como azúcar, frijol, detergente, cloro y pino. Por eso vamos día a día".

Isaías 58:7 Comparte tu pan con el hambriento

"La Iglesia atiende el principio de la caridad", afirma el padre Ramiro Bárcenas, sacerdote diocesano de San Andrés Tuxtla, Veracruz. "Es que no podíamos ver el sufrimiento de los hermanos migrantes y dejarlos en la calle, sin acogerlos porque -aunque es responsabilidad del Estado- nosotros estamos haciendo este trabajo como si fuera responsabilidad nuestra. Esta es la obra de Dios y seguirá con la fuerza del espíritu santo", justifica el religioso que encabeza el albergue-casa del migrante Monseñor Guillermo Ranzahuer localizado en Oluta, Veracruz.

Este lugar recibió el año pasado (entre migrantes, refugiados y personas de paso) un promedio de tres mil personas. Sus estadísticas arrojan que el grupo más grande es de hondureños, salvadoreños y guatemaltecos. Un segundo grupo -menor- son nicaragüenses, peruanos, cubanos y africanos. Y el tercero más pequeño, equivalente a la quinta parte, son mexicanos.

"Es hermoso atenderlos, pero a veces nos rebasan". -Padre Ramiro Bárcenas

En 20 años de existencia este lugar apoyó primero a migrantes mexicanos que iban rumbo a Estados Unidos. Luego, sumaron aquellos de origen centroamericano que iban de paso. Y desde hace ocho años, comenzaron a recibir también refugiados; ellos son los únicos a los que se les permite permanecer en el lugar un promedio de tres a cuatro meses mientras resuelven su situación jurídica en México.

"También recibimos a los heridos de 'La Bestia'; dice el sacerdote en referencia a los migrantes que quedan amputados o lesionados físicamente por el riesgoso traslado del tren que corre del sur al norte de México. No obstante, aquí el equipo humano principal -además del religioso- se integra por una abogada y un trabajador social además el apoyo temporal que ofrece un equipo de trabajo de la ACNUR. "Es hermoso atenderlos, pero a veces nos rebasan", lamenta.

Por ejemplo, para poder ofrecerles manutención temporal (de días hasta semanas) el padre Ramiro relata que la iglesia católica, su diócesis y un grupo de fieles realizan una colecta anual que les ayuda para sostenerse la mayor cantidad de meses posible aunque en algún momento del año deben enfrentar la realidad y salir a pedir ayuda. "Tenemos también bienhechores que en la medida de sus posibilidades nos apoyan además del apoyo de la ACNUR, pues no contamos con un dinero fijo de manera mensual. Por eso tenemos que buscarlo semana a semana".

De vez en cuando, bajo ciertas circunstancias y de forma inconstante, el sacerdote y su albergue reciben apoyos gubernamentales. Lo mismo

pueden enviar ropa usada o dotaciones de frijol o arroz. "La administración anterior sí nos apoyó: cada dos meses recibíamos un saco de frijol de 50 kilos, arroz, paquetes de café, aceite y leche Liconsa. Pero del nuevo gobierno no hemos recibido nada. Y del gobierno federal tampoco tenemos ninguna ayuda", precisa.

Con la confianza que le da su propia fe, el padre Ramiro espera que quienes leen este reportaje puedan brindarles otro tipo de ayuda que requieren como zapatos, pasta dental, cepillo, jabón, mesas y sillas para comer, alimentos en especie y ropa en buen estado "porque la gente cree que nosotros y los migrantes somos basurero y a veces mandan la ropa rota que desechan", dice con cierta indignación.

Aunque en este momento este albergue ocupa un espacio físico que pertenece a la iglesia católica, el sacerdote adelanta que próximamente abrirán un segundo con el apoyo de ACNUR "Los hermanos migrantes vienen buscando protección y se encuentran con un mínimo recurso de ayuda: duermen en la calle, por los montes, sin comer, sin bañarse, lastimados en el camino. A veces está la tentación de decir ¡Basta, estamos haciendo un trabajo que no nos pertenece! Sin embargo el Señor nos sigue impulsando este servicio y mientras sigan pasando migrantes, aquí estará el albergue".

Lucas 14:13 Cuando ofrezcas un banquete, llama a pobres

En la casa del migrante Emauss, en el municipio de Ciudad Acuña (estado de Coahuila, norte de México), el día empieza en el comedor donde los albergados pueden consumir un modesto menú compuesto de atole o café; y pan o galletas. La ligereza de estos alimentos provoca que las decenas de migrantes repatriados de Estados Unidos que llegan aquí tengan hambre al mediodía, por lo que en la mesa principal se colocan charolas con algunos refrigerios para matar el hambre: totopos, pan, más galletas o chicharrones, según el caso.

"El sostén de este lugar es la caridad de la iglesia", resume Miguel Sánchez, quien trabaja aquí bajo las órdenes del padre Hermegildo Villalpando cabeza de esta casa y a quien es difícil localizar porque cuando no está aquí, está cumpliendo su labor en la iglesia a su cargo. "También nos apoyan otros grupos que vienen a las siete de la noche para compartirles a nuestros migrantes, fortaleza espiritual o a veces despensa. En ocasiones tenemos donaciones de pollo, cerdo o res combinado con algunas verduras, lo que nos permite en ocasiones que el menú de comida lleve arroz, frijol y un guisado".

A este lugar tampoco llegan apoyos económicos de gobiernos locales; por esa razón el lugar carece de médicos, abogados, psicólogos o trabajadores sociales pues no hay dinero para el pago de una pequeña nómina. No obstante, en mayo pasado, en plena época electoral, se acercaron al lugar personajes cercanos a candidatos ofreciendo apoyos. "Eran bolsitas con despensa y bueno, la ayuda se agradece de donde venga. Aquí el único apoyo del gobierno que reciben los hermanos, es el pago del pasaje para regresar a su casa".

La partida de algunos garantiza el ingreso de otros, un máximo de 45 repatriados al día. En los primeros años de funcionamiento de esta casa-albergue (en 2003) eran atendidos únicamente migrantes pero en los últimos años el aumento de deportaciones desde Estados Unidos dio un giro a su trabajo por lo que ahora la prioridad, son ellos. "Tenemos que hacer la obra de caridad aún con tantas limitaciones, la realidad es que es muy difícil tratar de atender las problemáticas de cada persona que llega aquí como, por ejemplo, en los casos de abuso. Nos es muy difícil porque las mujeres no quieren hablar mucho y nosotros no contamos con personal que las apoye".

Corintios 9:6-7 El que siembra escasamente, escasamente también segará

El directorio de albergues para migrantes, documentado por la Organización Internacional para las Migraciones, resume que 22 de ellos operan bajo la batuta de la Iglesia. De un sacerdote español, de la parroquia del sagrado corazón de Jesús, la pastoral de migrantes del sureste, la diócesis de San Cristóbal de las Casas, los Franciscanos del Sureste de México. Además de la Diócesis de Tehuantepec (Oaxaca), Coatzacoalcos (Veracruz), Tlaxcala y Cuautitlán (Estado de México).

Mensualmente todos atienden un promedio de 9 mil 708 migrantes en los estados de Chiapas (seis

albergues), Tabasco (uno), Oaxaca (cuatro), Veracruz (cuatro), Tlaxcala (uno), Edomex (uno), San Luis Potosí (uno), Tamaulipas (dos), Nuevo León (uno), Coahuila (dos) y Chihuahua (uno). El listado incluye uno más en la CDMX mismo que no tiene nada que ver con aquel que anunció hace unos meses el Jefe de Gobierno, Miguel Ángel Mancera y del cual no se tiene ninguna noticia.

Eunice Rendón, coordinadora de Agenda Migrante y ex funcionaria del Instituto de los Mexicanos en el Exterior, explicó a HuffPost las razones por las que los albergues migrantes en México operan habitualmente bajo la dirección de la Iglesia. "Porque es un tema de coyuntura y ellos lo toman como una bandera propia. Los jesuitas trabajan en Tijuana y otros puntos de la frontera y aseguran que ésta es su vocación. Lo que debe de preocuparnos no es si son o no religiosos, sino que pese a su buena voluntad a veces no tienen dinero para seguir".

Por su experiencia, Rendón refiere que México es un país de recepción, tránsito y expulsión de migrantes que abarca, además, con la figura de migrante de retorno (repatriado). "Y es verdad que el Estado aún no tiene capacidad para atender el fenómeno en estas cuatro vertientes. A veces la secretaria de Desarrollo Social (SEDESOL) brinda apoyo a algunos albergues mediante ciertos programas, pero en ocasiones no todos cumplen con los requisitos que les piden. Me parece que sí, falta fortalecer la figura de los albergues. Pero ¿cómo hacerlo, si los propios albergues del DIF están desbordados? No podrían endosarles esta tarea a ellos. No es tan sencillo. Por eso el apoyo a estos lugares se reduce en gran medida de la voluntad política local".

Fonte: <http://csem.org.br/noticia/6423-una-mision-sin-fin-como-la-iglesia-atiende-a-los-migrantes-ante-el-olvido-del-gobierno-mexicano>

18.08.2017

Necesario, mirar al migrante desde la cultura del encuentro: Arquidiócesis de Xalapa

Raymundo León

Veracruz es un estado en el que el fenómeno migratorio es una realidad permanente, es un lugar no sólo de paso sino incluso de destino. El territorio veracruzano es frecuentemente atravesado por migrantes en busca del sueño americano, que por desgracia no siempre logran y no siempre lo alcanzan en las condiciones que se

debiera. Lamentablemente la vida del migrante está marcada por mucho sufrimiento y son objeto de todo tipo de agresiones y de injusticias, manifiesta este domingo la Arquidiócesis de Xalapa.

En su comunicado dominical titulado "Mirar al migrante desde la cultura del encuentro" y firmado

por José Manuel Suazo Reyes, director de la Oficina de Comunicación Social, la Arquidiócesis de Xalapa, manifiesta que los migrantes y refugiados abandonan sus lugares de origen por varias razones: por la violencia, las persecuciones, los desastres naturales y la mayoría por la pobreza para buscar mejores condiciones de vida.

La Iglesia católica trata de responder a la grave situación que viven los migrantes a través de la pastoral de la movilidad que promueve corredores humanitarios en los que los hermanos migrantes pueden encontrar una casa dónde pasar la noche, recibir un plato de comida caliente y un lugar dónde descansar para recuperar las fuerzas de su largo peregrinar.

“No olvidemos que todos somos migrantes en diferentes etapas de nuestra vida, de hecho ni siquiera este mundo es nuestra morada definitiva, uno tiene que dejar su tierra y su patria para estudiar, trabajar o servir a los demás. La experiencia de migración nos hace sensibles con nuestros hermanos que hoy en día están en camino buscando condiciones mejores de vida”, afirma el comunicado de este domingo.

El documento recuerda que el pasado 15 de agosto, el Papa Francisco publicó su mensaje para la Jornada Mundial del Migrante y del Refugiado 2018 en el cual propone cuatro acciones: Acoger, Proteger, Promover e Integrar, que pueden servir a todos en la atención a los migrantes que tocan la puerta o extienden la

mano para pedir un poco de ayuda. “La responsabilidad de atender a los migrantes, la Iglesia católica la comparte con todos los creyentes y personas de buena voluntad. Pues el forastero, dice el Papa, ‘es una ocasión de encuentro con Jesucristo que se identifica con el extranjero en cualquier época de la historia’”.

En el comunicado de la arquidiócesis se indica que las mencionadas acciones tienen funciones y significados específicos; de esa forma, Acoger significa ampliar las posibilidades para que los emigrantes y refugiados puedan entrar de modo seguro y legal a los países de destino. Proteger “se conjuga con toda una serie de acciones en defensa de los derechos y de la dignidad de los emigrantes y refugiados, independientemente de su estatus migratorio”, pues el migrante es una persona que tiene una dignidad y merece respeto y atención.

Promover, se refiere a “trabajar con el fin de que a todos los emigrantes y refugiados, así como a las comunidades que los acogen, se les dé la posibilidad de realizarse como personas en todas las dimensiones que componen la humanidad querida por el Creador”. Finalmente, Integrar indica que la presencia de emigrantes es siempre una oportunidad de enriquecimiento intercultural. Esta cuarta acción no significa suprimir, olvidar o negar la propia identidad cultural sino aprender a descubrir y valorar las riquezas de los demás.

Fonte: <http://csem.org.br/noticia/6451-necesario-mirar-al-migrante-desde-la-cultura-del-encuentro-arquidiocesis-de-xalapa> - 28.08.2017

La minoría musulmana de Myanmar huye en masa de la persecución

Cerca de 270.000 rohiña han huido de Myanmar para buscar refugio en Bangladesh ante la campaña de violencia contra esta etnia

Macarena Vidal Lij

Cada día son decenas de millares. Según los cálculos preliminares de las agencias internacionales, aún por contrastar, en solo dos semanas cerca de 270.000 rohiñas, un 25% de esa minoría étnica en Myanmar (la antigua Birmania), han huido al país vecino para escapar de una campaña de violencia que algunas ONG ya han tildado de "limpieza étnica" acarreada por las fuerzas de seguridad contra esa comunidad de religión musulmana.

"Es un desastre humanitario de primer orden", denuncia Phil Robertson, subdirector para Asia de Human Rights Watch en conversación telefónica desde Bangkok. "Es la peor violencia de este tipo en lo que vamos de año... Es peor que Mindanao (la isla filipina donde el Ejército combate contra

insurgentes islamistas), es una política de tierra quemada, ataques contra la población civil para echar a centenares de miles de personas. No se pueden poner paños calientes, es una situación horrible".

Ser rohiña en Myanmar no ha sido nunca un privilegio. Todo lo contrario. El Gobierno birmano, y muchos de sus ciudadanos de mayoría budista consideran a esa minoría de 1,2 millones de habitantes meros inmigrantes ilegales procedentes de Bangladés, aunque sus familias lleven asentadas allí desde hace generaciones. La ley de Ciudadanía de 1982 les priva de nacionalidad; otras normas les han dejado indocumentados, tienen limitada su libertad de movimientos o incluso sus derechos

reproductivos. Una ola de violencia entre budistas y musulmanes, que continuó en 2013 y 2014, dejó cerca de 140.000 desplazados rohiñá y casi 300 muertos. Su ruta de huida tradicional, en barco hacia Malasia o Indonesia, se cerró en 2015, cuando esos países dismantelaron las redes de traficantes que gestionaban el pasaje.

No pudieron votar en las elecciones de 2015, de las que muchos esperaban que el triunfo de la Liga Nacional para la Democracia de la premio Nobel de la Paz Aun Sang Sun Kyi les trajera un trato más justo. No ha sido así.

El año pasado, el grupo Ejército de Salvación Rohiñá en Arakán (ARSA, por sus siglas en inglés) pasó a la violencia y atacó en octubre con cuchillos y palos varias instalaciones oficiales en el norte de Rajáin, o Arakan, la provincia donde viven la mayoría de esta comunidad. La respuesta del Tatmadaw, el Ejército birmano, fue brutal. Un informe de la Alta Comisaría de Derechos Humanos de la ONU documenta casos de violencia indiscriminada, destrucción de viviendas, violaciones, asesinatos y expulsiones en un descomunal pogrom.

Una situación que ahora se ha redoblado. El desencadenante ha vuelto a ser un ataque del ARSA, el 25 de agosto, contra 30 comisarías y una base militar. La respuesta ha vuelto a ser, denuncian las ONG, brutal y desproporcionada. Aldeas enteras son desalojadas e incendiadas. Los residentes de poblaciones rohiñá, atacados con helicópteros y bombardeados. El Tatmadaw asegura que se limita a perseguir a los terroristas que perpetran ataques desde octubre. Los incendios, las huidas masivas, sostiene, son obra de los propios rohiñá.

Momena, de 32 años, es una de las decenas de miles rohiñás que han emprendido la huida. El 25 de agosto vio entrar a los soldados birmanos en su aldea. "Escapé con los demás aldeanos y nos refugiarnos durante la noche en la selva. Cuando volví a la aldea a la mañana siguiente, después de que los soldados se hubieran ido, vi cerca de 40 ó 50 soldados muertos, incluidos varios niños y ancianos. Todos tenían heridas de cuchillo o de

bala; algunos, de ambas. Mi padre estaba entre los muertos; le habían cortado el cuello. No pude cumplir los últimos ritos. Simplemente, huí", cuenta, en un testimonio recabado por HRW

HRW ha detectado hasta 21 zonas arrasadas por incendios provocados en el norte de Rajáin, en plenas lluvias de monzón. La organización Médicos sin Fronteras (MSF) denuncia que los refugiados, hombres, mujeres, ancianos y niños, llegan a Bangladés con quemaduras o heridas de bala o de metralla, desnutridos, tras pasar días a la intemperie. Algunos llegan con graves infecciones en las heridas o, en el caso de las mujeres, con serias complicaciones obstétricas.

"Llegan en condiciones muy precarias, muy vulnerables. Son pacientes que necesitan una ayuda inmediata", insiste Pavlo Kolovos, coordinador general de MSF en Bangladés y que ha visto aumentar en un 50% los pacientes que su personal sanitario está tratando en la frontera. "Cuentan que han perdido a familiares, han sido atacados, disparados, las familias están dispersas", agrega en conversación telefónica. Bangladés ya es de por sí un país con escasos recursos y ante el aluvión de refugiados el envío de ayuda es urgente para evitar una crisis humanitaria, insisten las ONG.

En Ginebra, la Comisión para los Refugiados de la ONU denuncian que los dos campamentos de refugiados en Cox's Bazar, en el sureste de Bangladés, que ya acogían a 34.000 rohiñá, se encuentran al límite de su capacidad. "La población se ha doblado y más en dos semanas, y ya suma más de 70.000. Hay una necesidad urgente de más terreno y más refugios".

"Están llegando sin haber comido desde hace cuatro, cinco días, con enfermedades transmitidas por el agua, con niños pequeños, sin abrigo ante las lluvias del monzón... Solo hace falta un brote de cólera y miles de personas morirán", advierte Robertson.

Fonte:

https://elpais.com/internacional/2017/09/08/actualidad/1504883407_048218.html - 08.09.2017

ITALIANO

Negli Stati Uniti si moltiplicano le “chiese santuario”

Con l'insediamento del neo presidente Trump, le comunità religiose si mobilitano in difesa dei migranti minacciati di espulsione

Ancor prima che il neo presidente Donald Trump venisse insediato alla Casa Bianca, la resistenza era pronta a non farsi cogliere di sorpresa. E non stiamo parlando dei milioni di persone che si sono riversate in strada il 21 gennaio nella gigantesca manifestazione internazionale organizzata dalle donne, ma di un'organizzazione ecumenica che si propone di proteggere i migranti minacciati di espulsione e che si allarga a macchia d'olio negli Stati Uniti. Si tratta delle "chiese santuario" (<http://www.riforma.it/it/articolo/2016/11/30/luoghi-di-culto-universita-intere-citta-pronte-diventare-santuario>), che ora si stanno trasformando in un vero e proprio movimento, che interessa anche sinagoghe e università.

Da New York alla California, dal Texas a Chicago, sono infatti sempre di più i luoghi di culto che vanno a ingrossare le fila del movimento detto appunto delle "chiese santuario", che aprono le porte per accogliere stranieri senza documenti. Una pronta risposta a Donald Trump, che già in campagna elettorale aveva promesso di espellere tre milioni di migranti senza permesso di soggiorno, sulla scia – per la verità – di quanto era già successo sotto l'amministrazione Obama, che aveva riportato oltre confine due milioni e mezzo di persone, 21% più del suo predecessore George Bush jr.

Centinaia di parrocchie cattoliche e protestanti e molte sinagoghe si sono offerte spontaneamente di aiutare i rifugiati in difficoltà, forti di un'antica tradizione, che vede i luoghi di culto, così come gli ospedali o le scuole, inaccessibili a polizia e agenti federali, una sorta di zona franca dove non si possono effettuare arresti o interrogatori.

Non è la prima volta che le chiese degli Stati Uniti si ergono a rifugio dei più deboli: era già capitato negli anni '80, quando cinquecento parrocchie avevano ospitato 500mila esuli fuggiti dall'America Centrale, all'epoca minacciati di espulsione da un inasprimento della legge sul diritto d'asilo durante la presidenza Reagan.

Il primo passo riguarda ovviamente l'accoglienza delle persone in difficoltà, ma l'impegno delle "chiese santuario" non finisce qui: in molte città le comunità offrono infatti anche aiuto materiale e consulenze legali ai migranti in situazione irregolare e alle loro famiglie. L'obiettivo finale è però uno soltanto: far sì che questi "santuari" non siano più necessari e che ognuno trovi un posto dove stare nella società, senza essere costretto a nascondersi.

Fonte: <http://riforma.it/it/articolo/2017/01/25/negli-stati-uniti-si-moltiplicano-le-chiese-santuario> – 25.01.2017

I gesuiti: la politica dei muri sulle migrazioni è un boomerang

Lorenzo Maria Alvaro

Un'anticipazione dell'articolo "La gestione politica dell'immigrazione" a firma di Francesco Occhetta che sarà nel numero del quindicinale La Civiltà Cattolica. «La proposta di soluzioni non può riguardare soltanto le istituzioni ma deve coinvolgere anche la società, inclusa la Chiesa italiana con le sue associazioni e il volontariato. Perdere questa opportunità significherebbe indebolire la democrazia e i principi che la ispirano»

«Approfondire il fenomeno dell'immigrazione significa spingere l'analisi oltre la cronaca, perché di fronte agli esodi dei popoli cambiano non solamente le abitudini quotidiane, ma anche la storia e le culture. E in questi ultimi anni i popoli si stanno muovendo. Tra quest'anno e il prossimo, infatti, potrebbe arrivare un milione e mezzo di migranti sulle onde del Mediterraneo o attraverso i sentieri dei Balcani. Così, mentre i media bipolarizzano l'argomento, contrapponendo i sostenitori e i contrari all'accoglienza, gli studiosi di geopolitica ci pongono di fronte a due dati

ormai indiscutibili: da una parte, la fuga di chi cerca scampo da guerre e miseria; dall'altra, la crisi demografica di un'Europa sterile di figli, che è circondata da popolazioni giovani e da Paesi in fermento. È per questo che il tema dell'accoglienza non investe solo una dimensione umanitaria e caritativa... ..la dimensione politica del fenomeno migratorio ci spinge a chiederci come gestire questi flussi per una convivenza pacifica».

Così inizia l'articolo "La gestione politica dell'immigrazione" a firma di Francesco Occhetta che sarà nel numero del quindicinale La Civiltà Cattolica.

Dopo aver proposto un quadro sui numeri della migrazione in Italia con i dati di Caritas/Migrantes e di Frontex Occhetta sottolinea che «Il prezzo della crisi che gli immigrati stanno pagando è molto alto, non solamente perché il reddito medio è circa la metà di quello di una famiglia italiana, ma soprattutto perché si sta riducendo la domanda per l'assunzione nelle fabbriche e nelle

campagne. L'occupazione cresce soprattutto al Nord, nel settore edile e in quello dell'assistenza agli anziani. In breve, secondo il Rapporto Caritas-Migrantes 2015, gli immigrati occupano i settori delle "tre C": caring, cleaning e catering (cura, pulizia e ristorazione). I sociologi li definiscono i nuovi "resilienti", spesso disposti a fare di tutto. Il senso della comunità è l'antidoto alla loro solitudine: si riuniscono per gruppi negli angoli delle piazze o nei bar; in alcune città, come Roma, Milano e Torino, occupano interi quartieri».

Anche le carceri sono un tassello importante della questione. «Da un punto di vista antropologico, le carceri italiane sono diventate luoghi transnazionali, dove culture diverse, invece di incontrarsi, si scontrano. È la disperata immagine manzoniana dei quattro capponi che Renzo vuol regalare al dottor Azeccagarbugli e che, ignari di essere affratellati da un comune destino, stremati e legati per i piedi e a testa in giù, trovano ancora la forza per beccarsi e farsi del male».

Di fronte a questo quadro la politica ha spesso risposto spesso in modo inadeguato. «Il drammatico naufragio del 3 ottobre 2013 a Lampedusa, in cui morirono 366 persone, ha segnato un momento importante nella politica dell'immigrazione. L'Ue ha ridefinito la propria politica migratoria, istituendo un gruppo di lavoro denominato Task Force Mediterranean... Tuttavia, nella gestione dei flussi migratori il Governo italiano è lasciato solo. Negli ultimi tre anni si è assistito a un tirarsi indietro di molti Stati membri, nonostante il 24 ottobre e il 20 novembre 2013 la Commissione europea abbia chiesto loro di creare una sinergia per affrontare "tutti insieme" la gestione dei flussi migratori. La proposta italiana di rafforzare il programma di controllo e di interventi ai confini esterni dell'Unione denominato Frontex non è però stata appoggiata politicamente. Di fronte all'incremento degli sbarchi e dei soccorsi ai barconi in difficoltà, il Governo italiano è intervenuto con l'operazione Mare nostrum. L'intervento ha salvato 110.000 persone, ma è durato solo un anno a causa degli ostacoli posti dai Paesi europei, che l'hanno considerata "un'azione di attrazione" dell'immigrazione». Il tira e molla sulla questione dei migranti si è trascinato per anni fino al 18 marzo 2016 quando «la Ue ha stipulato un accordo con la Turchia per contenere i transiti via terra verso la rotta balcanica. L'accordo prevede che vengano erogati 3 miliardi e 600 milioni di euro per allestire i campi profughi. Si tratta di una scelta-tampone a livello politico, che si aggiunge alla mancanza di un piano europeo di rimpatrio da

finanziare con fondi europei. Ci si chiede: può essere questa l'unica via politica?».

La risposta ha tanto a che fare con il futuro. «Il tema dell'immigrazione pone al centro della riflessione politica numerosi fattori: la concezione di Stato moderno, una nuova idea di società, l'interdipendenza tra il Nord e il Sud del mondo e, soprattutto, il significato del fenomeno della migrazione: dimensione, quest'ultima, che la cultura italiana custodisce nella sua memoria», scrive Occhetta in conclusione. «Il fondamento delle politiche sull'immigrazione dell'Europa, più che essere di natura economica o giuridica, dovrebbe essere di natura antropologica. Che cosa significa limitare il diritto di circolazione delle persone? Su quali principi è possibile costruire l'Europa dei popoli? Rimane una trappola culturale, fomentata da alcune forze politiche e da molti media: associare il migrante a un possibile terrorista. Ma, d'altra parte, è necessario vigilare sull'infiltrazione dell'Isis. A tale scopo il ministero dell'Interno ha fondato una scuola di formazione degli imam, ha aperto un tavolo di dialogo con i musulmani moderati e sta monitorando le carceri, per prevenire le radicalizzazioni, mentre il Governo italiano sta adottando le linee della prevenzione degli Stati Uniti sul contrasto alla radicalizzazione, che coinvolge attivamente gli operatori del mondo del sociale, delle scuole e della sanità. Sicurezza significa anche cura e gestione, e queste devono essere accompagnate dalla prevenzione e dalla consapevolezza di un modello certo di integrazione. Anche la realizzazione dei centri di intrattenimento in ogni regione, che la Ue impone, vanno gestiti come scelte di sicurezza umane e temporanee.

La proposta di soluzioni politiche non può riguardare soltanto le istituzioni, ancora abbastanza lente a integrare gli immigrati nella scuola, nel mondo del lavoro, nei servizi ecc., ma deve coinvolgere anche la società, inclusa la Chiesa italiana con le sue associazioni e il volontariato. Perdere questa opportunità significherebbe indebolire la democrazia e i principi che la ispirano. I problemi sono indubbiamente ardui, ma un Paese come l'Italia, con il prezioso bagaglio di risorse civili, culturali e spirituali espresso nella sua Carta costituzionale, ha tutte le possibilità di vincere la sfida della tutela dei diritti, del rispetto dei doveri e della protezione della dignità degli immigrati. La politica è chiamata a costruire ponti e non a erigere muri o a strumentalizzare il tema».

Fonte: <http://www.csem.org.br/noticia/5534-i-gesuiti-la-politica-dei-muri-sulle-migrazioni-e-un-boomerang> - 30.01.2017

Migranti, Papa: pregare per Rohingya, musulmani perseguitati

"Torturati e uccisi, semplicemente per portare avanti la loro fede musulmana": l'invito del Pontefice. Sono circa 1 milione 100 mila persone, vivono nello Stato Rakhine nel nord del Myanmar

Papa Francesco ha invitato oggi a pregare per i Rohingya, "cacciati via dal Myanmar, che vanno da una parte all'altra perché nessuno li vuole. È gente buona, pacifica: sono buoni, sono fratelli e sorelle! È da anni che soffrono: sono stati torturati, uccisi, semplicemente per portare avanti la loro tradizione, la loro fede musulmana".

I Rohingya sono una minoranza musulmana, circa 1 milione 100 mila persone che vivono nello Stato Rakhine nel nord del Myanmar (Birmania), Paese a maggioranza buddista. Nonostante dallo scorso anno il Paese sia governato dal partito della leader birmana e Premio Nobel della Pace Aung San Suu Kyi, queste popolazioni subiscono da anni la repressione delle forze di sicurezza, con gravi violazioni dei diritti umani che li costringono alla fuga. Negli ultimi mesi almeno 65 mila persone sono fuggite verso il Bangladesh, ma nessuno vuole accogliere queste imbarcazioni piene di disperati. Si parla anche di un'isola dove confinarli.

Da un report pubblicato di recente dall'ufficio dei diritti umani delle Nazioni Unite circa 220 testimoni hanno raccontato di "uccisioni di bambini, donne e anziani, stupri e violenze sessuali sistematiche e su larga scala, distruzione intenzionale di cibo e fonti di sostentamento", tanto da far temere una sorta di pulizia etnica. Gli abusi nei confronti dei Rohingya hanno origine da 50 anni di dura

dittatura militare (l'esercito controlla ancora il 25% del parlamento, i tre ministeri della Difesa, Interni, Affari di Confine e il Consiglio per la Difesa e la Sicurezza nazionale) che ha sempre represso le minoranze etniche buddiste e musulmane per raggiungere i suoi scopi, tra cui lo sfruttamento delle ricchezze naturali.

Dopo un picco di violenze nel 2012 circa 100 mila Rohingya già vivevano abbandonati nei campi profughi, senza alcun diritto all'istruzione, alla salute, alla cittadinanza. L'ulteriore escalation di repressione nei loro confronti è dovuta all'intensificarsi delle azioni militari del gruppo armato musulmano Harakah al-Yaqin Hay, che ha rafforzato la sua presenza nei villaggi Rohingya, facendo proselitismo e azioni di guerriglia.

Il conflitto con l'esercito si è quindi inasprito dal 9 ottobre 2016, con scontri che hanno coinvolto miliziani Rohingya, tra cui alcuni provenienti dall'Arabia Saudita. Ma la rabbia nasce dalle disumane condizioni di vita in cui sono costrette queste popolazioni: nello Stato Rakhine, dove vivono 3 milioni di persone, il tasso di povertà tocca il 78%. Non c'è elettricità, pochissime le infrastrutture e le scuole, non c'è lavoro. (www.agensir.it-Dire)

Fonte: <http://www.csem.org.br/noticia/5596-migranti-papa-pregare-per-rohingya-musulmani-perseguitati> - 09.02.2017

L'accoglienza della Chiesa

In occasione della presentazione del Rapporto annuale 2017 del Centro Astalli, "Un anno in favore dei richiedenti asilo e rifugiati" pubblichiamo parte dell'intervento del Segretario generale CEI Nunzio Galantino. Tutti i numeri dell'accoglienza

Nunzio Galantino

Le migrazioni sono un 'segno dei tempi' – come più volte hanno ripetuto papa Benedetto e papa Francesco – ma anche una 'sfida pastorale', che interpella le nostre comunità e una 'sfida sociale' per le nostre città. C'è ancora chi, alla serietà di questa sfida. Pensa di sottrarsi o chiudendo gli occhi o falsificandone la reale portata.

Basta 'leggere' serenamente e realisticamente i numeri, i volti e le storie dei migranti in Italia per comprendere come le città e le comunità cristiane siano chiamati a raccogliere questa sfida e a ripensare luoghi, strutture e percorsi per un cammino di incontro e di scambio. Premessa

fondamentale per costruire senza conflittualità e contrapposizioni sociali il nostro futuro insieme.

La serie infinita e ormai insopportabile di attentati che si stanno drammaticamente consumando ovunque non contribuiscono certo a leggere il fenomeno migratorio in maniera corretta. Anzi, questi eventi drammatici diventano esca appetibile per chi non ha alcun interesse di offrire un contributo perché questo fenomeno complesso e inarrestabile rappresenti una chance.

Immigrazione: ... oltre i numeri, volti, storie e responsabilità

L'Italia, nel contesto europeo, mentre vede rallentare drasticamente la migrazione economica – fattore di sviluppo e di crescita fondamentale nel nostro Paese – con il ritorno di una emigrazione giovanile che ha superato le 100.000 persone, ha visto ancora nel 2015 e nel 2016, un flusso considerevole di migranti forzati arrivare in particolare sulle coste e nei porti della Sicilia, ma anche della Calabria, della Puglia e della Campania, in Sardegna, superiore nel 2016 del 18% rispetto al 2015. Infatti, nel 2014 sono arrivate 170.100 persone, mentre nel 2015 153.842 persone, nel 2016, fino al 31 dicembre, 181.000 persone.

Nel 2015 si è assistito a un cambiamento di rotta, soprattutto per le persone in partenza dal Medio Oriente, dal Corno d'Africa e dall'Asia, che si sono dirette verso la Turchia e sono sbarcate in Grecia: oltre 850.000 persone. A fronte di una persona sbarcata in Italia ne sono sbarcate cinque in Grecia.

Nel 2016 è cambiata ancora la prospettiva, con l'Italia che ritorna ad avere un ruolo centrale negli arrivi pari a quello della Grecia (181.000 a fronte di 180.000 in Grecia), per la chiusura delle frontiere in diversi paesi europei e in seguito all'accordo tra l'Unione Europea e la Turchia.

Il cammino di chi fugge s'incrocia con il cammino di chi ha fame e ha sete, rispettivamente 840 milioni e 1 miliardo di persone. Le violenze, la paura e la 'rabbia dei popoli' – come ammoniva già Paolo VI nell'enciclica *Populorum progressio*, quasi 50 anni fa - accompagnano il cammino delle persone oggi, di cui un piccolo tassello, un segno è il popolo di chi ha attraversato (nel 2015, 154.000 persone) o attraversa in questi mesi (55.000 persone) il Mediterraneo e raggiunge le nostre coste italiane ed europee.

Leggendo nella situazione internazionale non possiamo non riconoscere la nostra responsabilità: di chi ha violato la terra di altri, di chi ha sfruttato persone e terre, di chi ha impoverito, di chi ha venduto armi (con una crescita di vendite in Italia che ha superato il 200% rispetto al 2014) e ha lucrato sulla guerra. Uno sviluppo iniquo, che ha diviso il mondo e ha indebolito la solidarietà è la causa di questi nuovi cammini, di questi nuovi sbarchi, di queste nuove morti.

Non siamo esenti da responsabilità!. Questo movimento di persone generato da noi, dalla nostra indifferenza, dalla mancata solidarietà, dallo sfruttamento, dalle guerre 'giuste' e dalle guerre dimenticate, tranne che dagli armatori,

accompagnato da cambiamenti climatici, toccando l'Italia e l'Europa ha messo alla prova il diritto d'asilo. Il diritto d'asilo è stato di fatto negato da respingimenti più o meno mascherati, talora condannati, di cui anche l'Italia è stata colpevole nel 2011 e l'Europa rischia di essere colpevole nel 2016.

Gli arrivi in Italia

In Italia, nel 2015 Lampedusa è tornato ad essere il primo porto di sbarco (con 168 sbarchi e 21.160 persone), seguito da Augusta (con 146 sbarchi e 22.391 persone), Pozzallo (con 104 sbarchi e 16.811 persone), Reggio Calabria (con 90 sbarchi e 16.931 persone), Catania (con 64 sbarchi e 9.464 persone), Palermo (con 61 sbarchi e 11.456 persone), Trapani (con 55 sbarchi e 8.136 persone), Taranto (con 45 sbarchi e 9.160 persone). Sbarchi sono avvenuti anche a Crotone, Cagliari, Salerno, Corigliano Calabro e a Vibo Valentia. Il ritorno degli sbarchi a Lampedusa è anche l'effetto dell'implementazione del sistema hotspot che vede nell'isola il centro più avanzato nel Mediterraneo.

La partenza delle persone che si sono messe in viaggio nel Mediterraneo è avvenuta in particolare dalle coste della Libia (oltre l'85%), l'8% sono partite dall'Egitto e poche migliaia dalla Turchia, dalla Grecia e dalla Tunisia. Crescono però anche i passaggi alle frontiere terrestri del Nord-Est, a causa della rotta balcanica.

Il cambiamento di rotta delle persone in fuga ha naturalmente portato con sé il cambiamento delle prime nazionalità delle persone sbarcate, con il protagonismo del Corno d'Africa e dell'Africa Sub-sahariana. Le nazionalità delle persone sbarcate nel 2015 sono in particolare: Eritrea (38.612, con un aumento del 10% rispetto allo scorso anno); Nigeria (21.886, con un aumento del 110% rispetto allo scorso anno); Somalia (12.176, più che raddoppiati rispetto allo scorso anno), Sudan (8.909, triplicati rispetto allo scorso anno) Gambia (8.123, poco meno il numero dello scorso anno), Siria (7.444, 6 volte meno il numero dello scorso anno che la vedeva al primo posto tra le nazionalità delle persone sbarcate). Rimangono simili i numeri delle persone provenienti dal Senegal e dal Bangladesh (poco più di 5.000) Calano, invece, le persone provenienti dal Mali (5.752, quasi dimezzati rispetto al 2014), dall'Egitto (2.594 rispetto ai 4.095 del 2014), dalla Palestina (1.650 rispetto ai 6.017 dello scorso anno). Complessivamente sono 65 le nazionalità delle persone sbarcate in Italia nel 2015. Le persone sbarcate sono state in prevalenza uomini (circa 115.000), a seguire le donne (oltre 20.000, con una crescita del 15% rispetto allo scorso

anno)). I minori sono stati oltre 26.000 nel 2014, di cui 13.096 minori parte di un nucleo familiare e oltre 13.000 minori non accompagnati, tra cui oltre 5.000 minori non accompagnati resisi irreperibili. Nel 2015 i minori sono stati oltre 12.000, di cui circa 4.100 non accompagnati.

Nel 2016 il primo porto di sbarco è diventato Augusta, seguito da Pozzallo, Lampedusa, Reggio Calabria e con le partenze in maggioranza (oltre l'80%) sempre dalla Libia e in successione dall'Egitto. Le nazionalità delle persone sbarcate nel 2016 sono in particolare: Nigeria, Eritrea, Gambia, Costa d'Avorio, Somalia, Guinea, Senegal, Sudan, Mali, Egitto, a cui seguono altre 60 nazioni. 2689 persone sono state rintracciate ai confini terrestri, provenienti soprattutto dal Pakistan, Afganistan, Marocco, Algeria, Nigeria, Bangladesh, Iraq. Le persone sbarcate sono al 95% uomini e il 5% donne. I minori non accompagnati sbarcati nel 2016 sono stati quasi 26.000. Complessivamente sono 85 le nazionalità degli sbarcati nel 2016.

Le strutture di accoglienza

Rispetto agli oltre 500.000 sbarcati tra il 2014 e il 2016 attualmente sono accolti in Italia, nelle diverse strutture, al 1 giugno 2016, circa 123.000 persone. Nella rete di primissima accoglienza (CDA, CARA, Hot spot) sono presenti 14.500 persone (con una crescita rispetto allo scorso anno). Nelle strutture temporanee di accoglienza sul territorio nazionale (CAS) sono oggi ospitate 135.000 persone, con una crescita rispetto allo scorso anno. Negli Sprar, strutture di seconda accoglienza dei richiedenti la protezione internazionale e dei rifugiati, sono accolte circa 23.000 persone, un numero di poco superiore a quello scorso anno. In generale, l'accoglienza rimane ancora in una situazione di forte precarietà, sia nei porti di arrivo che in molti dei centri di prima accoglienza realizzati, con una forte diversificazione delle modalità di accoglienza nelle diverse regioni.

La maggioranza dei circa 17.500 minori non accompagnati accolti nelle strutture hanno un'età compresa tra i 16 e i 17 anni (83,00%) e provengono dall'Egitto, dall'Albania, dal Gambia, dall'Eritrea, dalla Nigeria, dalla Somalia, dal Senegal, dal Bangladesh. Il 10% hanno 15 anni, il 7% fra i 7 e i 14 anni, 27 bambini non accompagnati hanno un'età compresa tra 0 e 6 anni. Purtroppo l'accoglienza dei 17.500 minori non accompagnati rimasti in Italia, nella stragrande maggioranza dei casi avviene ancora in strutture di accoglienza straordinarie al Sud e solo poco più del 10% in strutture familiari e case

famiglia. Metà dei minori sono accolti in due regioni: oltre 7000 in

Sicilia, oltre 1000 in Calabria, e poi 913 nel Lazio, 872 in Lombardia, 850 in Puglia, mentre in Piemonte ne sono accolti 353 e 284 in Veneto (quasi 20 volte in meno che in Sicilia).

Il 6% delle persone si sono rese irreperibili. Rispetto al 2014, nel 2015 si sono invertiti i numeri: erano il 60% coloro che avevano ricevuto un permesso di protezione internazionale e il 37% i denegati. Uguale è il trend nel 2016. Rispetto alla data del 1 giugno 2015 le domande d'asilo presentate nel 2016 sono raddoppiate, da 26.788 a 43.485. Nel 2015, alla stessa data, le domande di protezione internazionale rifiutate furono 10.214 (il 48%), mentre nel 2016 sono state 25.527 (il 61%).

L'accoglienza nelle strutture ecclesiali

Dal settembre ad oggi, sulla base del Vademecum dei Vescovi italiani, abbiamo assistito a un grande movimento solidale che, però, in diversi casi fatica a trasformarsi in accoglienze nuove. Si è trattato per lo più di passaggio di strutture di prima accoglienza alle parrocchie, per oltre 4500 persone. Le risorse per l'accoglienza vengono per $\frac{3}{4}$ dallo Stato (circa 150 milioni di euro per l'accoglienza di circa 18.000 persone nei CAS e negli SPRAR), mentre per un quarto dalle libere offerte dei fedeli (50 milioni di euro). In particolare, in alcune diocesi si riscontrano difficoltà da parte delle parrocchie ad attivare esperienze di accoglienza ed integrazione sul territorio. Per questo motivo la Caritas e la Migrantes stanno seguendo le diocesi al fine di orientare meglio e sostenere questo slancio solidale.

Al 1 giugno 2016, il numero totale degli accolti nelle quattro tipologie di strutture-realtà è di 23.201. Di queste, 14.358 (62%) sono ospitate nelle 714 strutture ecclesiali di prima accoglienza, 3.914 (17%) nelle 257 strutture impegnate nella seconda accoglienza, 4.596 (20%) in 473 parrocchie e 333 (2%) nelle 159 famiglie resesi disponibili a rispondere all'appello di Papa Francesco dello scorso settembre.

L'analisi della presenza degli accolti nelle 4 aree geografiche (nord, centro, sud ed isole) ha permesso di calcolare la percentuale degli accolti nelle quattro tipologie di realtà/strutture, per cui i CAS del nord accolgono il 36% delle persone, quelli del centro l'11%, quelli del sud 13%, e quelli delle isole il 2%.

Le strutture di seconda accoglienza accolgono a nord l'7% delle persone, al centro il 3%, al sud il 4% e nelle isole il 3%.

Le parrocchie accolgono a nord l'11% dei beneficiari, al centro l'1%, al sud il 2% e nelle isole il 5%.

Il dato sulle famiglie presenta la percentuale dell'1% al nord, mentre al centro, sud e isole dello 0% sebbene ci sia una presenza numerica tanto di famiglie quanto di accolti .

Le 5 regioni italiane dove le diocesi ospitano, indistintamente nei CAS, SPRAR, parrocchie e famiglie, il maggior numero di persone sono:

- Lombardia con 5.711 accolti
- Triveneto con 2.748 accolti
- Piemonte-Val d'Aosta con 2.147 accolti
- Sicilia con 2.118 accolti
- Calabria con 1.772 accolti

Relativamente ai CAS, le 5 regioni italiane col maggior numero di accolti sono:

- Lombardia con 3.405
- Triveneto con 1.672
- Piemonte-Val d'Aosta con 1.659
- Calabria con 1.304
- Toscana con 1.243

Relativamente alle strutture di seconda accoglienza, le 5 regioni italiane col maggior numero di accolti sono:

- Triveneto con 614 accolti
- Lombardia con 559 accolti

- Sicilia con 557 accolti
- Campania con 385 accolti
- Calabria con 381 accolti

Relativamente alle parrocchie, le regioni italiane col maggior numero di accolti sono:

- Lombardia con 1.739
- Sicilia con 1.196
- Triveneto con 423
- Piemonte Val d'Aosta con 339
- Campania con 166

Infine, in riferimento alle famiglie, le 5 regioni italiane col maggior numero di accolti sono:

- Sicilia con 79 accolti
- Liguria con 53 accolti
- Piemonte-Val d'Aosta con 47 accolti
- Triveneto con 39 accolti
- Campania con 32 accolti

Considerato che le diocesi che hanno risposto compilando la scheda di monitoraggio sono 199 (nonostante ce ne siano 29 che non compiono accoglienza o non dispongano di strutture per metterla in atto) si può presumere che le accoglienze attive siano pari o superiori a 1/5 dell'intero sistema di accoglienza in Italia.

Fonte: <http://www.csem.org.br/noticia/5852-l-accoglienza-della-chiesa>

11.04.2017

Ong. Don Zerai: «Il cerchio si chiude, è guerra ai migranti»

Il prete eritreo indagato nell'inchiesta sulla nave Luventa: «Chiunque sia artefice di questa politica di respingimento e chiusura totale e la sostenga si rende complice di tutti questi orrori»

Paolo Lambruschi

Indagato nell'inchiesta della procura di Trapani sulla nave Luventa dell'ong tedesca Jugend rettet, don Mosè Zerai è tornato a denunciare la situazione dei migranti che si trovano in Libia.

Lo ha fatto attraverso il blog della sua agenzia Habeshia. Scrive il sacerdote di origine asmarine oggetto nei giorni scorsi di numerosi attacchi (essere complice dei trafficanti, le stesse accuse avanzate dal regime dittatoriale dell'Asmara cui lui si oppone) da parte di alcune testate per il suo impegno umanitario a favore dei profughi soprattutto eritrei: «Il blocco per le navi delle Ong a 97 miglia dalle coste africane, ordinato dal governo di Tripoli con il nulla osta ed anzi il plauso dell'Italia e dell'Ue, chiude il cerchio di quella che

appare quasi una guerra contro i migranti nel Mediterraneo».

Don Mosè, che denuncia la detenzione inumana nelle carceri libiche dal 2008, rincara la dose. Ricordando che «la Corte Penale Internazionale ha aperto un'inchiesta su quanto sta accadendo ai migranti in Libia nei cosiddetti "centri di accoglienza" e su certi episodi che riguardano la stessa Guardia Costiera libica, avanzando l'ipotesi anche di crimini contro l'umanità», il prete eritreo sottolinea che «chiunque sia artefice di questa politica di respingimento e chiusura totale e chiunque la sostenga - sorvolando, tra l'altro, sul fatto che la Libia si è sempre rifiutata di firmare la Convenzione di Ginevra sui diritti dei rifugiati - si

rende complice di tutti questi orrori e prima o poi sarà chiamato a risponderne, anche di fronte a una corte di giustizia».

Zerai riflette sulle lancette di tempo che dopo questi giorni convulsi sono improvvisamente tornate indietro nel Mediterraneo di almeno quattro anni. Lui ha sempre respinto le accuse di aver avuto contatti attraverso chat segrete con i trafficanti di uomini e che dice di aver sempre mandato e mail all'Acnur, alla Guardia costiera italiana e a quella maltese e ad alcune ong per segnalare la posizione di barconi o gommoni in difficoltà. Dai profughi partivano allarmi indirizzati al suo numero di cellulare, scritto perfino sui muri delle galere libiche e Zerai lo ha sempre comunicato a chi poteva intervenire.

È quello che chiarirà ai magistrati che lo hanno indagato. Ma ora che succederà in mare? Secondo don Zerai «la situazione dei soccorsi ai battelli carichi di profughi che chiedono asilo e rifugio in Europa viene riportata a quella creatasi all'indomani dell'abolizione del progetto Mare Nostrum quando, dovendo partire le navi da centinaia di chilometri di distanza per rispondere alle richieste di aiuto, ci fu immediatamente una moltiplicazione delle vittime e delle sofferenze». Non a caso, «prima Medici Senza Frontiere e poi anche Save the Children e Sea Eye, hanno deciso di sospendere le operazioni di salvataggio in mare».

Secondo il prete eritreo, «la decisione di dare mano libera alla Libia purché, attuando veri e propri respingimenti di massa, si addossi il lavoro sporco di fermare profughi e migranti prima ancora che possano imbarcarsi o a poche miglia dalla riva, è il capitolo conclusivo della politica» che, iniziata con il Processo di Rabat (2006) e proseguita con il Processo di Khartoum (novembre 2014), con gli accordi di Malta (novembre 2015) e il patto con la Turchia (marzo 2016), «mira a esternalizzare fino al Sahara le frontiere della Fortezza Europa, confinando al di là di quella barriera migliaia di disperati in cerca solo di salvezza da guerre, persecuzioni, fame, carestia e intrappolando nel caos della Libia quelli che riescono a entrare o sono intercettati in mare e riportati di forza in Africa».

Zerai fa appello «alla comunità internazionale e alla società civile dell'intera Europa perché contestino le scelte delle istituzioni politiche dell'Ue e dei singoli Stati e le inducano a un radicale ripensamento, revocando tutti i provvedimenti di blocco, istituendo canali legali di immigrazione e riformando il sistema di accoglienza, oggi diverso da Paese a Paese».

Intanto, personalità del mondo politico, rappresentanti dell'associazionismo, giuristi, giornalisti, semplici cittadini hanno sottoscritto un appello di ADF (Associazione Diritti e Frontiere) a favore di don Mosé Zerai.

Fonte: <https://www.avvenire.it/attualita/pagine/don-zerai> - 16.08.2017

Corridoi umanitari. Nuovi arrivi il 29 e 30 agosto a Roma Fiumicino

Attese per fine mese una quarantina di persone siriane dal Libano. Intanto, dal 30 settembre al 3 ottobre, tra Palermo e Lampedusa, la Federazione delle chiese evangeliche in Italia promuove un convegno internazionale sul tema dei confini

E' previsto per il 29 e 30 agosto l'arrivo di una quarantina di profughi di origine siriana provenienti dal Libano che giungeranno legalmente e in sicurezza in Italia grazie ai "corridoi umanitari" realizzati dalla Federazione delle Chiese evangeliche in Italia (Fcei), dalla Tavola Valdese e dalla Comunità di Sant'Egidio nel quadro di un protocollo firmato con i Ministeri dell'Interno e degli Affari Esteri.

Con questo gruppo, arriva a circa 900 il numero dei profughi giunti in Italia grazie a questo dispositivo "ecumenico" che coinvolge cattolici e protestanti e che resta un'esperienza pilota in Europa. Soltanto la Francia, infatti, ha adottato un protocollo analogo mentre, in Italia, sta per attivarsi un nuovo "corridoio" grazie a un altro

protocollo sottoscritto dai ministeri competenti e dalla Conferenza Episcopale Italiana.

«In un'Europa che si chiude come una fortezza e che fatica a mantenere gli impegni di distribuzione dei profughi e dei migranti che arrivano in Italia, l'esperienza italiana è una buona pratica che continuiamo a proporre ad altri paesi e alle chiese sorelle in Europa», dichiara Paolo Naso, coordinatore del programma Mediterranean Hope attraverso il quale la Fcei opera nei confronti dei rifugiati e dei migranti.

«Dal 30 settembre sino al 3 ottobre, anniversario della strage di Lampedusa del 2013 – prosegue Naso – si svolgerà a Palermo un convegno internazionale al quale parteciperanno rappresentanti del Consiglio ecumenico delle chiese (Cec), della Commissione delle chiese per

i Migranti in Europa (Ccme), di varie chiese europee e nordamericane, della Chiesa cattolica. Siamo fiduciosi che questo appuntamento potrà rilanciare un impegno ecumenico ed europeo per garantire vie legali e sicure a chi fugge da persecuzioni e ha titolo alla protezione internazionale».

Il gruppo di profughi atteso martedì prossimo a Roma Fiumicino sarà accolto, senza oneri per lo

Stato e quindi soltanto grazie al volontariato e alla generosità di chiese, parrocchie e donatori, presso strutture di vario genere. Una interessante novità è data dal fatto che una famiglia sarà sostenuta economicamente dalla Federazione nazionale lavoratori agroindustria (Flai-Cgil), che ad aprile ha sottoscritto un accordo con la FCEI.

Fonte: <http://riforma.it/it/articolo/2017/08/24/corridoio-umanitari-nuovi-arrivi-il-29-e-30-agosto-roma-fiumicino> - 24.08.2017

Leader religiosi statunitensi in difesa dei «sognatori»

Continuano le reazioni sulla revoca del Daca, il programma di protezione per i minori giunti clandestinamente negli Stati Uniti

Rabbi Jonah Dov Pesner

Non si fermano le proteste dei leader delle comunità religiose statunitensi dopo la decisione del presidente Donald Trump di revocare il Daca (Deferred Action for Childhood Arrivals), il programma di protezione promulgato dall'amministrazione Obama e che dal 2012 permetteva ai minori di 16 anni giunti clandestinamente negli Stati Uniti di poter usufruire di un permesso lavorativo e di non rischiare la deportazione. I beneficiari del Daca, detti dreamers (sognatori), sono circa 800mila giovani clandestini. «Sono sognatori americani nei cuori, nelle menti ma non sulla carta», aveva detto l'ex inquilino della Casa Bianca nel 2012, quando aveva presentato il piano.

Di seguito riportiamo alcune reazioni di leader religiosi.

«All'interno della comunità ebraica, molte delle famiglie sono vive oggi, grazie alle politiche di immigrazione relativamente aperte in vigore tra la fine del XIX sec. e l'inizio del XX sec. Troppi ebrei sono morti in Europa quando i confini furono chiusi nel 1924. Conosciamo la crudeltà che costringe i sognatori a tornare nei paesi dove sono nati, ma dove in molti casi non sono mai vissuti e dove – in alcuni casi – la loro vita sarà in pericolo».

Rabbi Jill Jacobs, direttore esecutivo di «T'ruah: appello rabbinico per i diritti umani»

«Questi sognatori hanno lavorato con il governo in buona fede per perseguire i propri sogni vivendo negli Stati Uniti, l'unica casa che molti di loro hanno mai conosciuto. La decisione di porre fine al DACA li pone in una condizione più precaria, ma speriamo che il Congresso darà priorità ad una soluzione legislativa che permetta a questi sognatori di vivere nel nostro Paese».

Tim Breene, CEO di World Relief

«Interrompere il programma DACA sarebbe ora immorale, si violerebbe la fiducia dei giovani immigrati, inclusi quelli all'interno della mia chiesa e molti altri battisti ispanici in tutto il paese, che hanno fiducia nel governo federale che chiese loro di registrarsi e di fornire le informazioni personali... Piuttosto che intraprendere un altro passo che esacerberebbe le divisioni etniche e politiche nella nostra nazione, io prego affinché il Presidente Trump e i leader del Congresso di entrambi gli schieramenti politici collaborino per approvare una legislazione che protegga i sognatori e aiuti a tenere unita la nostra nazione».

Past. Félix Cabrera, pastore dell'Iglesia Bautista Central di Oklahoma City e co-fondatore dell'Alleanza ispanica dei pastori battisti

«La comunità musulmana americana e il Consiglio per le relazioni americano-islamiche (Cair), si schierano a favore degli 800.000 giovani senza documenti che sono arrivati nella nostra nazione da bambini, che chiamano casa gli Stati Uniti, e il cui unico sogno è uscire dalla clandestinità e rimanere nei luoghi a cui appartengono. Interrompendo il Daca, il presidente Trump sta assecondando le richieste degli estremisti anti-immigrati e sta danneggiando la nostra nazione prendendo di mira alcuni dei membri più dinamici e più produttivi della società. In termini pratici, l'aver posticipato l'entrata in vigore della revoca del Daca tra sei mesi è inutile per la stragrande maggioranza dei sognatori e comporterà inevitabilmente caos nella loro vita».

Nihad Awad, direttore esecutivo del Consiglio sulle Relazioni Americano-Islamiche

«In quanto ebrei, la nostra gente conosce bene l'esperienza di essere "stranieri in terra straniera". Il nostro passato ci ricorda le difficoltà affrontate

oggi da tanti immigrati. A partire da questa storia, l'Ebraismo ci chiede di accogliere lo straniero e ci costringe a lavorare per una politica dell'immigrazione giusta. È imperativo che il Congresso si schieri a sostegno di questi giovani che sono cresciuti negli Stati Uniti e che vogliono

stare nell'unico paese che riconoscono come la loro casa».

Fonte: <http://riforma.it/it/articolo/2017/09/08/leader-religiosi-statunitensi-difesa-dei-sognatori> - 08.09.2017

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA!
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?
83. Os rumos do TRÁFICO DE SERES HUMANOS
84. MIGRAÇÃO DE RETORNO e crise: sonho frustrado?
85. Os desafios da MIGRAÇÃO FEMININA
86. As RELIGIÕES diante dos desafios das MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS
87. TRÁFICO DE PESSOAS: é possível combater?
88. Novos FLUXOS MIGRATÓRIOS: uma nova questão social
89. MULHERES MIGRANTES: protagonismo e vulnerabilidades
90. A RELIGIÃO como meio de assistência, integração e emancipação dos migrantes.
91. TRÁFICO DE PESSOAS: entre o discurso e a realidade.
92. A “Globalização da indiferença” e a CRIMINALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES
93. As MULHERES no contexto das políticas migratórias
94. As RELIGIÕES a serviço da dignidade dos migrantes
95. TRÁFICO DE PESSOAS: O ser humano está à venda?
96. Por uma compreensão mais ampla das MIGRAÇÕES FORÇADAS
97. MULHERES MIGRANTES: entre fronteiras físicas e sociais.
98. Migrações, RELIGIÕES e violência
99. TRÁFICO DE PESSOAS e políticas migratórias
100. MÍDIA e migrações: entre discursos e estereótipos
101. Dignidade humana e MULHERES MIGRANTES
102. A DIÁSPORA MUÇULMANA para além dos estereótipos
103. Os paradoxos da ESCRAVIDÃO MODERNA
104. Mobilidade humana: entre FRONTEIRAS e muros
105. Por um olhar mais humano sobre as MULHERES MIGRANTES
106. MULHERES MIGRANTES E REFUGIADAS: riscos e proteção no contexto da violência de gênero
107. Criminalização das migrações e TRÁFICO DE PESSOAS: um ciclo vicioso
108. O compromisso das RELIGIÕES junto aos migrantes